

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
“CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO”
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA

SIMONNE PEREIRA DA SILVA RIBEIRO

ANÁLISE DO DISCURSO E PSICANÁLISE NO ESTUDO DO SUICÍDIO:

Cartas

CÁCERES - MT

2025

SIMONNE PEREIRA DA SILVA RIBEIRO

ANÁLISE DO DISCURSO E PSICANÁLISE NO ESTUDO DO SUICÍDIO:

Cartas

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística sob a presidência do professor Dr. Wellington Pedrosa Quintino.

CÁCERES - MT

2025

**Ficha de identificação da obra pelo bibliotecário
documentalista Joana Rocha de Souza / CRB-1 1465**

R482a Ribeiro, Simonne Pereira da Silva
 Análise do discurso e psicanálise no estudo do suicídio
 [manuscrito]: cartas. / Simonne Pereira da Silva Ribeiro – 2025.
 XCV, 95 f.

 Presidente (da banca) Profº Dr. Wellington Pedrosa
 Tese [Doutorado] — Universidade do Estado de Mato
 Grosso – (UNEMAT) — Programa de Pós-Graduação Stricto
 Sensu em Linguística, Cáceres, 2025.

 Bibliografia.

 Inclui: listas de abreviaturas, quadros.

 Anexos

 1. Análise – discurso. 2. Suicídio – cartas. 3. Psicanálise I.
 Quintino, Wellington Pedrosa. Presidente (da Banca) II.

CDU: 81'42:159.964.2

©

Simonne Pereira da Silva Ribeiro, 2025

SIMONNE PEREIRA DA SILVA RIBEIRO

**ANÁLISE DO DISCURSO E PSICANÁLISE NO ESTUDO DO SUICÍDIO:
Cartas**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino
Orientador(a) – PPGL/UNEMAT

Profa. Dra. Débora Raquel Hettwer Massmann
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Prof. Dr. José Magno de Souza Vieira
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Profa. Dra. Elisandra Benedita Szubris
Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

Prof. Dr. Miguel Rodrigues Neto
Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

APROVADA EM: ____/____/____

DEDICATÓRIA

A Deus, fonte de amor e misericórdia.

Ao melhor de mim, meu papaizinho (in memorian), Salvo Ribeiro, exemplo heroico, por todos os seus gestos de amor.

À minha mãe, Aldanice, impecável na educação escolar. Gratidão e reconhecimento. Aqui estamos!

A todos os corpos memorificados na sujeição da despedida.

AGRADECIMENTOS

Ao Cássio Eduardo porque juntos (re)construímos com amor. Love! Nossos felizes momentos de lealdade.

À uma família que sinto tão peculiarmente minha, que se mistura em irmandade: emana amor de hermana, de Ribeiro e agregados.

Ao Gugu e a todos os sobrinhos que alegram meus dias.

À toda família Pereira, Ribeiro, Silva que aqui represento em gratidão a Geraldo Ribeiro. Benção! Pelas idas e vindas: chegamos juntos!

À amiga que escolhi para vida: Laura Belchior.

À Mariana França que se dedicou e partilhou sem resistência em/na ciência.

Aos amigos de Goiás que me apoiaram e esperaram e do Mato Grosso que me acolheram. Às amadas e inesquecíveis florestinhas do Mato Grosso: Ana Flávia, Isabela Vera junto a Júlio César. Ao mano braço forte: José Bráulio que seja para a vida!

À amiga Maria José, ocultadinha na Lioca: meu afeto em orações!

Aos colegas UNEMAT, UFMT, UFG, UFCAT: com afeto!

A todos os colegas e professores da Letras, amigos, ex-alunos, colegas do serviço público UFG/UFCAT. Na jornada de vida acadêmica e profissional com o amor de Fabíola Sartin, Tina e Elma

Aos TAE's da UFCAT, gratidão pela jornada. Ao companheiro Jainer Diogo pelo bem comum no Sint-Ifesgo.

Não tardiamente, mas no tempo do universo, expresso a minha eterna gratidão aos que permitiram movimentar. Por vezes enfraquecida, silenciada, “interditada”, consegui assumir a constância que venceu a maestria, ao *status quo*. Obrigada pelo acolhimento, professores Profa. Dra. Márcia Cristina Dal Toé, Profa Dra. Débora Raquel Hettwer Massmann, Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino. Vocês “professoraram” em minha vida que se torna imparável quem não desiste e que devemos caminhar em constância, sem a necessidade de arraste. Gratidão por me acolherem em escuta.

RESUMO

Não somos imbuídos de buscas por razões lógicas e/ou pretensões individualistas as quais explicam, com racionalidade, os meios/mecanismos pelos quais levam o sujeito a buscar alternativas que o permitam “escapar” das amarras sociais escravizantes, levando-o a considerar a materialização da morte como constituinte da vida. Esses sujeitos são lidos e analisados em seus discursos, com efeito, considerando as suas últimas mensagens. Neste material, buscamos encontrar o reconhecimento do sujeito suicida, bem como o testemunho da própria vida. Nesse movimento, a estrutura desta tese é desenvolvida no programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Mato Grosso (PPGL-Unemat) e se delineia com o objetivo de analisar os aspectos conscientes e inconscientes inscritos nas narrativas de cartas de suicídio, considerando a dor emocional e a angústia conforme os termos psicanalíticos, os quais podem motivar um sujeito a dar fim à sua própria vida.

Configuram-se, enquanto objetivos específicos: a) examinar a relação entre as formações discursivas inscritas nas cartas e a construção do desejo da pulsão *de/pela* morte, da dor emocional e da angústia psicanalítica; b) identificar marcas discursivas nas cartas de suicídio as quais de notem aspectos conscientes e inconscientes dos sujeitos suicidas; e, c) analisar o modo como as cartas de suicídio funcionam enquanto um espaço discursivo ao sofrimento dos sujeitos. O método de pesquisa utilizado é o qualitativo-interpretativista, especialmente nas técnicas de categorização das regularidades constituídas a partir das cartas, com base no dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso materialista pêcheuxtiana sob a perspectiva de Pêcheux (1988; 1997), Orlandi (2002; 2005; 2012) e, sob a episteme psicanalítica, a partir de Lacan (1998; 2009), ou seja, produzimos um diálogo entre a teoria discursiva com a Psicanálise.

Nesses termos, trechos das cartas dos sujeitos suicidas foram categorizados de acordo com a sua regularidade, em busca de discussão teórica que comprovasse o assujeitamento da posição discursiva do suicida. Das categorias, elencamos as noções de interdiscurso e intradiscurso na sua relação com o *Outro*; sujeito, assujeitamento, sujeição; narrativa de si e a escrita na sujeição da despedida. Após a análise discursiva do *corpus*, as considerações finais da pesquisa foram discutidas na constituição do sujeito suicida e suas categorizações, refutando qualquer cunho religioso e/ou de quadro clínico do referencial psicanalítico sobre a ideação suicida do sujeito autoexterminado.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Cartas de Suicídio. Psicanálise.

RESUMÉ

Nous ne sommes pas animés par des recherches fondées sur des raisons logiques et/ou des prétentions individualistes qui expliquent, de manière rationnelle, les moyens/mécanismes qui poussent le sujet à rechercher des alternatives lui permettant d'« échapper » aux chaînes sociales asservissantes, l'amenant à considérer la mort comme une composante de la vie. Ces sujets sont lus et analysés dans leurs discours, en tenant compte de leurs derniers messages. Dans ce document, nous cherchons à trouver la reconnaissance du sujet suicidaire, ainsi que le témoignage de sa propre vie. Dans cette optique, la structure de cette thèse est développée dans le programme de troisième cycle en linguistique de l'Université d'État du Mato Grosso (PPGL-Unemat) et se dessine dans le but d'analyser les aspects conscients et inconscients inscrits dans les récits des lettres de suicide, en tenant compte de la douleur émotionnelle et de l'angoisse selon les termes psychanalytiques, qui peuvent motiver un sujet à mettre fin à sa propre vie. Les objectifs spécifiques sont les suivants : a) examiner la relation entre les formations discursives inscrites dans les lettres et la construction du désir de la pulsion de/par la mort, de la douleur émotionnelle et de l'angoisse psychanalytique ; b) identifier les marques discursives dans les lettres de suicide qui révèlent les aspects conscients et inconscients des sujets suicidaires ; et c) analyser la manière dont les lettres de suicide fonctionnent comme un espace discursif pour la souffrance des sujets. La méthode de recherche utilisée est qualitative-interprétative, en particulier dans les techniques de catégorisation des régularités constituées à partir des lettres, sur la base du dispositif théorique et méthodologique de l'analyse matérialiste du discours de Pêcheux selon la perspective de Pêcheux (1988 ; 1997), Orlandi (2002 ; 2005 ; 2012) et, sous l'épistémologie psychanalytique, à partir de Lacan (1998 ; 2009), c'est-à-dire que nous produisons un dialogue entre la théorie discursive et la psychanalyse. Dans ces termes, des extraits des lettres des sujets suicidaires ont été classés selon leur régularité, dans le but de trouver une discussion théorique qui prouverait la soumission de la position discursive du suicidaire. Parmi les catégories, nous avons répertorié les notions d'interdiscours et d'intradiscours dans leur relation avec l'Autre ; sujet, soumission, assujettissement ; récit de soi et écriture dans l'assujettissement de l'adieu. Après l'analyse discursive du corpus, les considérations finales de la recherche ont été discutées dans la constitution du sujet suicidaire et ses catégorisations, réfutant toute connotation religieuse et/ou clinique du référentiel psychanalytique sur l'idéation suicidaire du sujet qui s'est auto-exterminé.

Mots-clés: Analyse du discours. Lettres de suicide. Psychanalyse.

RESUMÉ

Nous ne sommes pas animés par des recherches fondées sur des raisons logiques et/ou des prétentions individualistes qui expliquent, de manière rationnelle, les moyens/mécanismes qui poussent le sujet à rechercher des alternatives lui permettant d'« échapper » aux chaînes sociales asservissantes, l'amenant à considérer la mort comme une composante de la vie. Ces sujets sont lus et analysés dans leurs discours, en tenant compte de leurs derniers messages. Dans ce document, nous cherchons à trouver la reconnaissance du sujet suicidaire, ainsi que le témoignage de sa propre vie. Dans cette optique, la structure de cette thèse est développée dans le programme de troisième cycle en linguistique de l'Université d'État du Mato Grosso (PPGL-Unemat) et se dessine dans le but d'analyser les aspects conscients et inconscients inscrits dans les récits des lettres de suicide, en tenant compte de la douleur émotionnelle et de l'angoisse selon les termes psychanalytiques, qui peuvent motiver un sujet à mettre fin à sa propre vie. Les objectifs spécifiques sont les suivants : a) examiner la relation entre les formations discursives inscrites dans les lettres et la construction du désir de la pulsion de/par la mort, de la douleur émotionnelle et de l'angoisse psychanalytique ; b) identifier les marques discursives dans les lettres de suicide qui révèlent les aspects conscients et inconscients des sujets suicidaires ; et c) analyser la manière dont les lettres de suicide fonctionnent comme un espace discursif pour la souffrance des sujets. La méthode de recherche utilisée est qualitative-interprétative, en particulier dans les techniques de catégorisation des régularités constituées à partir des lettres, sur la base du dispositif théorique et méthodologique de l'analyse matérialiste du discours de Pêcheux selon la perspective de Pêcheux (1988 ; 1997), Orlandi (2002 ; 2005 ; 2012) et, sous l'épistémologie psychanalytique, à partir de Lacan (1998 ; 2009), c'est-à-dire que nous produisons un dialogue entre la théorie discursive et la psychanalyse. Dans ces termes, des extraits des lettres des sujets suicidaires ont été classés selon leur régularité, dans le but de trouver une discussion théorique qui prouverait la soumission de la position discursive du suicidaire. Parmi les catégories, nous avons répertorié les notions d'interdiscours et d'intradiscours dans leur relation avec l'Autre ; sujet, soumission, assujettissement ; récit de soi et écriture dans l'assujettissement de l'adieu. Après l'analyse discursive du corpus, les considérations finales de la recherche ont été discutées dans la constitution du sujet suicidaire et ses catégorisations, réfutant toute connotation religieuse et/ou clinique du référentiel psychanalytique sur l'idéation suicidaire du sujet qui s'est auto-exterminé.

Mots-clés: Analyse du discours. Lettres de suicide. Psychanalyse.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise de Discurso
COVID-19	Coronavirus Disease 19
CCV	Centro de Valorização da Vida
CPD	Condição de Produção do Discurso
FD	Formação Discursiva
GV	Getúlio Vargas
ID	Interdiscurso
MD	Memória Discursiva
OMS	Organização Mundial da Saúde
PPG	Programa de Pós-Graduação
UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. O Ato suicida: SIM e FIM	17
1.1 O suicídio como discurso	20
2 DAS CARTAS DE SUICÍDIO	26
2.1 Uma carta: gênero discursivo para decisão	26
2.2 A emergência das cartas como acontecimento discursivo	30
2.3 Do dispositivo teórico-analítico	37
3 A SUJEIÇÃO DA DESPEDIDA E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS	43
3.1 O silenciamento do ativismo de Sabrina Bittencourt	47
3.2 Kurt Cobain: a polifonia na carta de despedida	50
3.3 Ideologia política: Carta testamento de Getúlio Vargas	56
3.4 Flávio Migliaccio: a dor emocional na carta de despedida	58
3.5 Entrelaçando os conceitos e análises	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	82
ANEXO A — DESPEDIDA DE KURT COBAIN	87
ANEXO B — CARTA TESTAMENTO DE GETÚLIO VARGAS	88
ANEXO C — CARTA DE SABRINA BITTENCOURT	90
ANEXO D – CARTA DE FLÁVIO MIGLIACCIO	92

INTRODUÇÃO

As palavras me antecedem e ultrapassam, elas me tentam e me modificam, e se não tomar cuidado será tarde demais: as coisas serão ditas sem eu as ter dito [...].

Meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um fio só; meu enredamento vem de que uma história é feita de muitas histórias. E nem todas posso contar.

(Clarice Lispector).

Esta tese delineou-se como espaço de reflexão e análise discursiva, adentrando o espesso e opaco embaraço do sofrimento humano através da análise de discursos encontrados em cartas de suicidas. Apresentamos um aceno ao ponderar sobre a dor e o desespero nos gritos silenciosos e, sobretudo, almejamos buscar um entendimento analítico que presentifique a vida dos sujeitos que se despediram por cartas.

Em campo frágil e, por vezes, sofrível, cada página deste trabalho retrata um retalho da experiência humana, um dizer de sujeitos angustiados e que demonstra a complexidade das emoções que residem em cada um. Com isso, buscamos compreender, analisar e, porventura, encontrar um norte de entendimento tanto para aqueles que enfrentam as adversidades no entorno de uma vítima de suicídio quanto, para todos nós, que somos tocados ou tocamos direta ou indiretamente as questões dos sujeitos que pratica(ra)m o autoextermínio.

O interesse em estudar suicídio se deu em rumos dos estudos de doutoramento, quando, na proposta inicial, me propus a pesquisar as práticas em torno da violência doméstica, a qual fora maximizada na pandemia COVID-19, dando abertura para o aumento de situações de feminicídio. Da necessidade de readequar o projeto, durante os estudos sobre o tema, o cenário nebuloso e de morte avançava nos números de vítimas de COVID-19 e, assustadoramente, em números de suicidas.

Nas condições de produção que constituíram a historicidade dos casos de suicídio em meio à pandemia, a emergência da carta deixada pelo ator Flávio Migliaccio repercutiu de modo a intensificar o debate acerca dos efeitos do isolamento e das suas implicações para a saúde mental, sobretudo num cenário de tantas incertezas e mortes pela disseminação do vírus causador da COVID-19. Nesse contexto, o paradoxo da pulsão de vida e pulsão de morte, postulado na teoria freudiana, estava em evidência.

A corrida da vida acelerava o compasso de buscar, também, a morte. Paradoxal e concomitantemente, a sociedade busca evitá-la. Remontada de finitude, ela reflete o sentido que a vida oferece; para os suicidas, temos, nas narrativas, a presença ausente, a qual

entendemos como a escuta que não pôde ser ouvida, mas fora escrita por derradeiro. Em razão disso, a sociedade ocidental cristã, que entregou o silêncio como tabu à morte, não se verá na possibilidade de silenciar a fatalidade do ato suicida, não será possível a negativa do destino final.

Dessa forma, a morte autoprovocada suscita questionamentos. Buscamos afastá-la da consciência, porém, o suicídio não apresenta a possibilidade real do afastamento: é fato materializado que se apresenta no corpo objetificado. Suicídio é tabu que pessoas evitam desde a palavra, familiares buscam não reconhecer, jornais evitam noticiar, para o autor Cassorla (1991) é fenômeno complexo e multifatorial.

Em momento de ressignificar a existência, a minha escolha deliberadamente foi a vida, com a pujança de cuidar e ansiar os cuidados, os encontros, os zelos que pudessem minimamente preservar a saúde/vida daqueles que virtualmente me rodeavam ou em quem eu poderia tocar: era tempo de isolamento! Contudo, o isolamento para a preservação da vida levava a um crescente número de pessoas que, em busca da vida ou asfixiados por ela, alcançavam a morte: os casos de suicídio.

De cunho fragilizado, falar em suicídio, localizar casos notabilizados e não notabilizados era a tarefa que me imbuía, sobretudo diante da possibilidade de que a teoria de estudos em Análise de Discurso pudesse contribuir numa análise que buscasse e encontrasse algum evento que possa ser confiado à pesquisa e que leve a reflexões e apontamentos, não com o intuito de incitar as demais pessoas, mas para que se possa alertar, prevenir, elencar fatores, apresentar riscos que, para além da prevenção, viabilizem o cuidado na posvenção.

Os enredamentos dos textos dos sujeitos suicidas, não meramente palavras da exterioridade linguística, ecoam em camadas de significação, produzindo sentidos que dizem respeito a medos, desejos não realizados, traumas escondidos, dos quais a análise de discurso será ferramenta no campo teórico, perpassada pela psicanálise.

Uma vez estabelecido o *corpus* que são as cartas dos sujeitos suicidas, empreendermos as análises sobre o sujeito suicida, tendo como escopo os pressupostos teóricos da Análise de Discurso, os quais discorrem sobre o sujeito, os sentidos, o discurso, o lugar discursivo, a heterogeneidade enunciativa, a memória discursiva, a ideologia e os processos de identificação/contra identificação, que, balizados pelas condições de produção do discurso, inscrevem-se em uma conjuntura de atravessamentos interdiscursivos em que serão focalizadas questões voltadas para a relação entre sujeito-suicida e os dispositivos de análise que-permeiam o seu dizer.

Entendemos que qualquer *corpus* em análise se constitui como um universo discursivo marcado por instabilidades e movências. Dessa forma, queremos destacar que esta proposta de análise não se pretende acabada e imutável. Ao contrário, é um trabalho de pesquisa que seguramente sofrerá inúmeras movências e atravessamentos ao longo de sua consolidação.

Esta tese se estrutura em 03 capítulos, cada um deles aplicadamente elaborado com o intuito de descortinar as diversas e diferentes peculiaridades e abordagens teóricas e analíticas investigadas à luz da linguística e psicanálise como Pêcheux, Orlandi, Freud, Lacan, contribuíram para a formação dos sentidos sobre o suicídio e o sofrimento da angústia do sujeito suicida. Cada capítulo explorará o caminho para a reflexão sobre os fatores que alicerçam a decisão ao suicídio no imbricamento de narrativas individuais das condições de produção de cada sujeito.

A estrutura desta tese se delinea com o objetivo geral de analisar os aspectos conscientes e inconscientes presentes nas narrativas de cartas de suicídio, considerando a dor emocional e a angústia conforme os termos psicanalíticos, os quais podem motivar os sujeitos a encerrar suas vidas, com base na Análise de Discurso pecheuxtiana e na Psicanálise.

Dessa forma, configuram os objetivos específicos: a) examinar a relação entre as formações discursivas presentes nas cartas e a construção do desejo da pulsão de morte, da dor emocional e da angústia psicanalítica; b) identificar marcas discursivas nas cartas de suicídio que denotam aspectos conscientes e inconscientes dos sujeitos; c) analisar como as cartas de suicídio funcionam como um espaço discursivo ao sofrimento dos sujeitos.

Cada capítulo desta tese propõe uma investigação detalhada do ato suicida, utilizando as cartas como reflexos de um sofrimento muitas vezes invisível. O sujeito discursivo autoexterminado se revela no simbólico da carta. A articulação das teorias linguísticas e psicanalíticas, para a análise dessas cartas, vai além de uma observação fenomenológica. Ao longo da pesquisa, entrelaçamos essas contribuições teóricas, que consideram tanto a formação discursiva quanto a condição do sujeito de pesquisa, destacando a subjetividade e o sofrimento emocional envolvidos. Esse processo analítico busca desvelar o que está apagado nas palavras – o subconsciente, a falha, o não-dito – no inter e intradiscurso, reconhecendo a complexidade das experiências humanas em sua dor emocional. Ao dar voz às percepções discursivas dos sujeitos do autoextermínio, abrimos espaço para a empatia na prevenção e para a promoção da saúde mental.

Buscaremos proporcionar uma análise gradual e aprofundada do fenômeno do suicídio, utilizando as cartas de suicídio como corpus de pesquisa. No primeiro capítulo, ensaiamos uma apresentação do estudo, abordando, inicialmente, a concepção do suicídio a

partir de diferentes perspectivas teóricas, incluindo a sociologia e a psicanálise. Na subseção *1.1 O Ato Suicida: SIM E FIM*, investigamos o suicídio como ato, explorando as diversas definições e interpretações sobre o ato de morrer por conta própria, com base em autores como Durkheim, Freud e Lacan. Já na subseção *1.2 O Suicídio como Discurso*, deslocamos o foco para o suicídio como um discurso socialmente construído, analisando as formas discursivas nas quais o suicídio pode ser interpretado, como fraqueza, fracasso, punição a si e ao outro, entre outras, e como isso influencia a compreensão do fenômeno.

No segundo capítulo, *Das Cartas de Suicídio*, discutimos a carta de suicídio enquanto gênero discursivo e sua estrutura. A subseção *2.1 A Emergência das Cartas como Acontecimento Discursivo* explora as condições que permitem o surgimento da carta de suicídio, questionando se há uma estrutura comum a esse tipo de texto e como ela é afetada pelas condições de produção do sujeito. Na subseção *2.2 Do Dispositivo Teórico-Analítico*, introduzimos a análise discursiva, discutindo os pressupostos da Análise de Discurso (Pêcheux e Orlandi), que servirão como base para entender as cartas de suicídio como um espaço de produção de sentidos e a construção dos sujeitos envolvidos.

No terceiro capítulo, *A Sujeição da Despedida e a Construção de Sentidos*, fazemos a análise das cartas em si, focando nas histórias e nas subjetividades dos autores dessas cartas. A subseção *3.1 Da Posição-Sujeito e das Formações Discursivas* examina o lugar do sujeito que escreve a carta, analisando as formações discursivas que emergem desses textos e como elas revelam a angústia, a dor emocional e as motivações do sujeito suicida. Na subseção *3.2 Das Condições de Produção das Cartas de Suicídio*, aprofundamos a análise das condições de produção de cada carta, levando em conta sua historicidade, bem como os aspectos social e psicológico que delinearão suas respectivas produções. Finalmente, nas *Considerações Finais*, revisitamos os principais achados da pesquisa, ressaltando como as cartas de suicídio, enquanto objetos discursivos, oferecem um novo entendimento sobre o suicídio e a formação do sujeito assujeitado.

Partindo do pressuposto discursivo analítico de que a língua não pode ser estudada separadamente de suas condições de produção, dado os seus aspectos históricos e sociais, que se constituem como imprescindíveis à análise discursiva, à ideologia e ao discurso, este trabalho se justifica, por considerarmos as cartas como o lugar social onde se inscreve o sujeito e aquela, por emoldurar o discurso do indivíduo em um conjunto de preceitos, que determinará o valor de verdade de acordo com a posição em que o sujeito enuncia mesmo no ato suicida. Daí a importância de sabermos sobre a posição de onde o sujeito discursivo enuncia e em que condições seu discurso foi produzido, uma vez que se depreende o sentido

por meio das relações entre o que se fala, de onde se fala e para quem se fala. Elucidamos com as atividades profissionais, políticas dos sujeitos analisados.

Optamos pela perspectiva discursiva por crermos ser este um percurso potencial para se compreender o processo de produção de sentidos, a heterogeneidade enunciativa subjacente aos discursos e as relações de poder que os atravessam.

O estabelecimento das condições de produção do discurso se faz necessário porque a análise é guiada pela tessitura teórica da Análise de Discurso, que envolve sujeito, discurso e sentido numa mesma confluência atravessada pelas condições de produção, estabelecendo uma relação entre o linguístico, o histórico e o ideológico, no que diz respeito à constituição do sujeito e de seu discurso (Eckert-Hoff, 2008).

Será uma pesquisa de cunho interpretativista, pois a partir de uma proposta teórico-metodológica e uma inscrição discursiva em um campo teórico conceitual, apresentaremos as percepções analíticas sobre a concepção de si à tona na análise discursiva do sujeito suicida. E, para realizar esta pesquisa teórico-analítica-interpretativista, enfocaremos as percepções, as filiações teóricas, as circunscrições discursivas dos sujeitos.

Uma vez estabelecido o *corpus*, na materialidade das cartas dos sujeitos suicidas, empreenderemos as percepções analíticas sobre o sujeito suicida, tendo como escopo os pressupostos teóricos da Análise do Discurso sobre sujeito, sentido, discurso, lugar discursivo, heterogeneidade enunciativa, memória discursiva, ideologia, identidade e interdiscurso, que, balizados pelas condições de produção do discurso, inscrevem-se em uma conjuntura de atravessamentos interdiscursivos.

Por fim, entendemos que qualquer corpus em análise se constitui como um universo discursivo marcado por instabilidades e movências. A análise apontará as implicações para os estudos contemporâneos sobre o suicídio e suas repercussões para a prevenção e os cuidados pós-suicídio, destacando também as lacunas e os desafios para futuras investigações.

CAPÍTULO I

1. O Ato suicida: SIM e FIM

São cada vez mais frequentes os casos de suicídio, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), na região das Américas, as taxas aumentaram 17%¹ entre 2000 e 2019. Em 2023, uma pesquisa da Fiocruz chamou a atenção para o crescimento dos casos no Brasil, sobretudo considerando o período em que houve a pandemia. De acordo com o estudo, o período de março de 2021 a fevereiro de 2022 foi o mais crítico, com aumento de 28% de suicídios. Além disso, houve crescimento de 32% na região Norte e 16% entre homens no Nordeste².

Contemporaneamente, o suicídio tem fundamentos, causas e efeitos explicados pelo social. No nosso estudo, o ato será tomado a partir dos dizeres presentes nas cartas suicidas, que serão analisados com base nos dispositivos teórico-analíticos da Análise de Discurso (Orlandi, 2002, 2005, 2012) de Pêcheux (1988, 1997); e nas contribuições da Psicanálise (Freud, 1987, 1996, 2010; Lacan, 1998, 2009 e Cassorla, 1991).

Com o intuito de zelar pela fragilidade de cada narrativa, busca-se a complexidade emocional e, através da análise de discurso, não permitir entusiasmo que simplifique ou reduza a experiência humana e sua essência. Aqui, a ciência, mais uma vez, corrobora para desanuviar as nuances do sujeito discursivo.

Ensejamos inspirar, nas páginas seguintes, o que for possível acerca do tema, que não se dá por acabado, mas como contributo à compreensão do ato suicida tanto e quanto ao entendimento dos aspectos regulares e características comuns perante a sociedade quando o sujeito autoexterminado é levado à dor extrema e ao desespero do ser angustiado.

A ideação ou o ato suicida não serão tomados, aqui, com o intuito de verificar as patologias oriundas de cada caso, tampouco como investigação dos sintomas ou dos fatores que contribuíram para o adoecimento mental e que podem atrelar-se a casos que culminam no autoextermínio. E, a fim de que adentremos nesse espaço, tomemos os estudos discursivos, quando os sentidos nos levam ao entendimento de que nada mais há e propomos uma análise discursiva do sujeito que se memorifica na sua escrita final. Em relação à prática de

¹ Conforme disponível em:

<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/anualmente-mais-de-700-mil-pessoa-s-cometem-suicidio-segundo-oms>. Acesso em: 01 jan. 2025.

² Os dados sobre a pesquisa estão disponíveis em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/saude/audio/2023-09/fiocruz-pandemia-provocou-crescimento-do-numero-de-suicidios-no-pais>. Acesso em: 01 jan. 2025.

autoextermínio, o sujeito que se torna corpo, mas com marcas necessárias a si de ingresso da notoriedade discursiva do corpo que não morre historicamente constituído.

Sujeito este que será pensado e analisado, mas sim como uma forma de pensar e analisar o sujeito de acordo com a sua formação discursiva aplicada no corpo que passa pela carta, em uma transição que migra do social para memória discursiva, ao qual perpassa a condição de produção de discurso do sujeito assujeitado à situação de autoextermínio. Como proposto por Freud (2010), é o sujeito constituído socialmente por identificações diversificadas que incidem sobre seus desejos, afetos e fantasias.

A teoria psicanalítica de Freud (2010) postula que existe uma força motivadora, a qual impulsiona o comportamento do sujeito ligando-o a impulsos e necessidades internas. No decorrer da vida o sujeito discursivo depara-se com emoções vividas, responsáveis por gerar estímulos internos e externos, que são direcionados para as representações mentais de desejos e emoções do sujeito, para o surgimento das fantasias, as quais, por vezes, podem estar ligadas às experiências do passado e aos desejos inconscientes.

O mesmo desejo que proporciona as fantasias, extremamente prazerosas, alimenta o medo e a angústia e possibilita o desenvolvimento do sentimento de culpa. A culpa iniciada no sujeito na idade edipiana³ ganha força na idade adulta traduzindo as mesmas angústias e manifestando-se de modo silencioso em que o sujeito não se sente apenas culpado, mas emocionalmente em dor e angústia extremas. Uma grande parcela do sentimento de culpa permanece no inconsciente e a origem da consciência está ligada a ele. Segundo Gonçalves (2019) “trazer esse sentimento ao nível do consciente pode significar um mal ainda maior, um alívio pela perda do controle, uma desgraça”.

Para Rinaldi (2001),

[...] pode-se dizer que a angústia de morte não é outra coisa senão angústia de castração, esse fator desconhecido que jaz por trás do sentimento de culpa. Freud assevera que o homem está marcado desde o seu nascimento pela falta, que o introduz na ordem simbólica, falta esta vivida como perda e dívida, tanto no sentimento de culpa quanto na angústia, mas que fundamentalmente diz respeito ao desejo.

A partir dos conceitos norteadores da noção de sujeito em Freud: desejos, afetos e fantasias, deparamo-nos com os desdobramentos da tríade: culpa, angústia e desejo, onde localiza-se a realidade fundamental: a morte. Para o autor (Gonçalves, 2019, p. 286)

³ Nesta fase, a criança começa a desenvolver uma consciência da diferença sexual e do papel que cada gênero desempenha na sociedade. Logo, o complexo de Édipo é caracterizado pelo desejo sexual da criança pelo genitor do sexo oposto e pelo conflito emocional que surge quando a criança percebe que esse desejo é proibido pela sociedade. Disponível em: <https://www.leiturasdepsicanalise.com/2023/03/o-complexo-de-edipo-em-resumo>. (21/01/2025)

Diante da morte procuram-se culpados, e procurar culpados é uma tentativa desesperada de suportar o sofrimento. Sofrimento causado pela presença constante e insuportável de uma ausência. Nesse contexto, sempre há espaço para a culpa. Afinal, é exatamente essa dor insuportável que mantém vivo o ausente. Assim, a culpa aumenta conforme o sofrimento diminui. Culpa pela perda e culpa pelo esquecimento. Nesse sentido, a culpa dificulta o trabalho do luto, numa tentativa do sujeito de se proteger da angústia. Mais uma vez, pode-se observar a supremacia da culpa diante de outros sentimentos. Sempre a culpa é preferível, seja ao prazer ou ao sofrimento. A culpa parece levar o sujeito a seu estado inicial, natural, de onde nunca deveria ter saído.

Não é cabível à Psicanálise a eliminação do sentimento de culpa. Para Lacan a culpa é a proteção da angústia. Peres (2001) acentua que o desejo apresenta como demanda de outra coisa, o sujeito desejante se caracteriza permanentemente como tal, ou seja, diante do fracasso de uma satisfação completa, o sujeito permanece desejante. Aqui, a culpa vem em mão dupla: a própria e a do outro, objeto que não me satisfaz. O outro não me satisfaz, mas temo perdê-lo e me angustio com isso. Esse é o sinal de perigo. É o momento de a culpa entrar em ação

Assim é o sujeito lacaniano em que a resposta é o desejo do Outro, e, é a falta do “Outro que é aquela que me vê”. (Lacan, 2004). A angústia é o sinal para o desejo do Outro que já está antes do sujeito, o próprio objeto, causa de desejo e gozo.

O preço que se paga (pagamos) por vivermos em sociedade, com formas de repressão à sexualidade e à agressividade gera mal-estar cultural, sendo de ordem estrutural e cabível aos processos de organização. O homem só pode ser e existir como homem dentro da civilização, assim pondera Gonçalves (2019, p. 286) que, ao fazer uma leitura de Freud, afirma:

Os seres humanos se unem levados pelo que Freud chamou de impulso erótico interno, ao qual a civilização obedece e que, por sua vez, fortalece o sentimento de culpa. Esse sentimento que começa em relação ao pai tende a estender-se ao grupo, como condição de desenvolvimento e tendo como resultado um sentimento cada vez mais forte que segue rumo ao insuportável.

Sobre a intolerância da vida e a dificuldade em seguir, Marcuse (1968, p. 183) pontua:

Visto que a civilização obedece a um impulso erótico interno que leva os seres humanos a se unirem num grupo estreitamente ligado a ela, só pode alcançar seu objetivo através de um crescente fortalecimento do sentimento de culpa. O que começou em relação ao pai termina em relação ao grupo. Se a civilização constitui o caminho necessário ao desenvolvimento da família à humanidade como um todo, então em resultado do conflito inato surgido da ambivalência da eterna luta entre as tendências de amor e de morte, acha-se a ele e inextricavelmente ligado a um aumento do sentimento de culpa, que talvez atinja alturas que o indivíduo considere difícil de tolerar.

Em seguida, através dos escritos de Freud na obra “Interpretação de sonhos” (1987), faremos a leitura das cartas em que a despedida cederá espaço para avistar os desejos não consumados, na simbologia de ansiedades acumuladas do sujeito angustiado .

A linguagem do sofrimento à luz da crítica de Pêcheux (1988) é analisada nas estruturas ideológicas que delineiam a percepção e a expressão discursiva do sujeito. Essa tarefa compreende um olhar analítico ativo para as cartas de famosos e anônimos. Em suma: o *status* social ou a visibilidade dada à escrita final não faz distinção para a suscetibilidade à dor e à busca por sentido em meio ao desespero.

1.1 O suicídio como discurso

Nesta seção, vamos conceituar alguns construtos importantes que servem de base para a compreensão dos discursos acerca do suicídio. O primeiro deles é o da noção de extermínio, que tem origem na palavra latina *exterminium* e que designa o ato ou o efeito de exterminar, exterminação, logo, para o estudo desenvolvido, o autoextermínio é a autodestruição.

Em decorrência, o termo *suicídio*, cunhado a partir do latim *sui* (si) e *caedes* (matança), foi introduzido na língua inglesa, em 1636, e na língua francesa, em 1734, para expressar o ato de matar a si mesmo, no sentido de uma doença ou uma patologia, em oposição à antiga formulação “morte voluntária”, sinônima de crime contra si mesmo.

Conforme a definição de Michaelis⁴, suicídio é ato ou efeito de suicidar-se. Em sentido figurado, apresenta-se e é frequentemente tido como desgraça ou ruína, causada por ação do próprio indivíduo ou por falta de discernimento, ou de previdência etc.

Orestano (1913, p. 54) afirma que “o suicídio demonstra que na vida existem males maiores do que a morte”. Sendo já conhecidos os conceitos etimológicos de extermínio e suicídio e a conotação em que serão adotados na presente pesquisa, buscarei determinar o sujeito e as questões discursivas do suicídio, quais são as condições de produção do discurso, a posição ocupada no real e no imaginário que o torna sujeito legítimo do discurso suicida na/da prática de autoextermínio.

Portanto, trata-se de determinar seu modo de assujeitamento, pois, como afirma Pêcheux (1988, p. 161), “[...] os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos de seu discurso, pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. Especificamente a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina, na qual ele é constituído como sujeito.

⁴ Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/suic%C3%ADdio/>. Acesso em: 25 jun. 2023.

No viés da Análise do Discurso – em que o sujeito e a produção da subjetividade são elementos marcados pela incompletude, inacabados, em processo de produção e transformação, mesmo no discurso do autoextermínio, irrompe-se o inacabado.

De acordo com Cassorla (1991), o processo de significação da palavra suicídio atribui-lhe o sentido de “morte de si mesmo”. Reiteramos que o autor aponta o suicídio como um fenômeno complexo e multifatorial, uma vez que apresenta mais de uma causa, dada por uma série de fatores que se acumulam ao longo da vida. Dentro dessa perspectiva, as explicações não são simplistas, mas devem ser estudadas evitando recorrer ao juízo de valor.

Entretanto, dentro dos vários aspectos passíveis de investigação, nos ateremos ao aspecto de interesse da Análise do Discurso, quais sejam a compreensão dos efeitos de sentido colocados em funcionamento por meio das cartas dos sujeitos-suicidas. Tal análise não exclui a importância apontada pelo autor de enxergar a temática por uma ótica multifatorial.

Existe um certo padrão para que uma problemática se torne passível de investigação. Ela se dá a partir de um dado momento sócio-histórico em que ela se torna enfática, como um fenômeno social proliferado, tal ato é o bastante para constituir-se como um possível evento de estudo. O crescente índice de suicídio apresenta-se como um problema mundial: enquanto muitos, de forma midiática, voltavam-se para a pandemia, em paralelo, uma epidemia de casos de mortes por suicídio emergia com pouca notabilidade. Contudo, aos familiares ou aos seres desejantes, o discurso do suicida como uma forma de continuar a ser notório ou documentado (mesmo no pós-morte) nos levará ao ser objetificado pelo corpo do indivíduo que, por motivos vários, reporta-se na escrita final.

Para Szasz (2002, p. 21), o termo suicídio apresenta duas significações distintas, uma que descreve o ato e outra que o julga:

[...] usamos a palavra ‘suicídio’ para expressar duas ideias bastante diferentes: por um lado, com ela descrevemos uma maneira de morrer; ou seja, tirar a própria vida, voluntária e deliberadamente; por outro lado, no lugar de utilizamos para condenar a ação, ou seja, para qualificar o suicídio de pecaminoso, criminoso, irracional, injustificado... em uma palavra, mal.

Para Durkheim (2000) o suicídio como fato social o que permite a proposição de que o suicídio é determinado por forças sociais, os quais regulam o sujeito existindo uma certa funcionalidade nos sacrifícios voluntários em dada sociedade atemporal.

Suicídio é todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela saiba que produzirá esse resultado (Durkheim, 2000, p. 17). No que se refere à sociedade, esta provoca uma força que sobre

indivíduo, são as relações de poder a que nos remete Foucault (2004, p.9). Não opondo-se a Pêcheux em seu lugar de assujeitamento do suicida, “mas na condição da interdição do suicida que não tem o direito de dizer tudo, numa sociedade em que a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento” (Foucault, 2004, p. 9).

O tabu de discutir sobre a morte voluntária, o autoextermínio, entrelaça-se com as relações de poder estabelecidas socialmente pela interdição foucaultiana, motivo pelo qual estabelecemos conexão com o autor nesta tese.

Rodrigues (2006), ao retratar as relações entre morte e poder e a atualização específica destas relações na sociedade industrial expõe que o poder, exercido como dominação, encontra uma fronteira: a morte.

Para o autor (2006, p. 249), “não é a capacidade de decretar a morte que faz do poder, poder, como historicamente é pensando. Mas, o contrário e paradoxalmente, é a estratégia de obrigar a viver que acaba por constituí-lo”. Rodrigues, (2006) em síntese apresenta o risco de morte como pressuposto de libertação. O que se justifica nas tentativas do poder em manter a vida; tenta-se impor no domínio do poder o medo da morte e a ilegitimidade do suicídio. A morte transformada em tabu é a consequência da condenação do suicídio, este seria a subversão a relação de poder. Segundo o autor, a propositura do poder é de temer a morte e aceitar a vida vivida. O controle se dá na negativa e em busca de banir a morte, quando o poder se apresenta para que o homem saiba que a sua existência está interligada à vida.

O findar da vida, o fim do cenário reconhecido pelo sujeito, a terminalidade é assunto tabu, maculado de descrédito, infâmia que torna a discussão racional dificultosa. Para Rodrigues (2006) “a morte é um produto da história” e que Mais do que desfiar linearmente como o homem enfrentou esse momento ao longo da história, ele discute o paradoxo que é o silêncio sobre a morte em uma sociedade em que a morte é uma realidade muito barulhenta. Antes na sociedade ocidental, embora detestável, a morte era parte constituinte da vida, já em meados dos século XIX, a morte passa a ter sobre si a interdição, porque se não ocorrer de causas naturais, o suicídio provoca a ocultação do fato da morte.

Analisar a terminalidade, a finitude da vida já nos traz incômodo, matar-se, então é afronta do seio social (já que não adentraremos questões religiosas, éticas ou morais em nosso estudo.

A busca pelo controle da vida, a propositura da OMS de assunto velado continuamos a experienciar situações em que a morte pelo suicídio é transgressão ao que o Poder do Estado

confere ao sujeito: é a busca pelo controle do homem-sujeito-suicida. Que por razões peculiares e específicas de cada caso tem-se o ideário de que o sujeito decide por conta própria encerrar a vida. Nos casos em análise Sabrina Bittencourt, Getúlio Vargas e Kurt Cobain e Flávio Migliaccio, tem-se como efeito de evidência que decidiram por conta própria encerrar a vida, contudo, durante as análises de suas cartas, tivemos a percepção de que estes sujeitos são levados a sujeição do ato de autoextermínio, podendo assim, crivar, como sujeitos autoexterminados.

De produção teórica densa, debruçar sobre as condições de produção do discurso suicida e ainda a constituição do sujeito suicida é tangido pela Análise do Discurso como teoria que considere o sujeito em sua filiação histórica e ideológica e que permita na interdição da vida dar-lhe voz, não o submetendo a um grupo comum de que simplesmente decidiram por ceifar a vida. A Psicanálise e Análise do Discurso perpassadas uma pela outra permitirá a individuação de cada voz que por este estudo foi ouvida nas cartas.

Desvencilhando da busca de racional de entendimento do porquê esse sujeito suicida buscar escapar das amarras sociais que lhe causa dor emocional, esta tese retoma o objetivo geral de analisar o discurso, os aspectos conscientes e inconscientes de cunho psicanalítico das escritas dos sujeitos que oferecem as cartas com a dor emocional, a angústia psicanalítica que o move a encerrar a vida, sendo a vida o âmbito público e de seu conhecimento e com a capacidade de movências. Esses sujeitos serão lidos em suas narrativas; deixadas como cartas, como se algo mais tivessem a dizer, pronunciar ou encerrar.

Como objetivos específicos, buscou-se analisar a ideologia em busca da verdade no discurso e o reconhecimento do sujeito na escrita, a partir das questões inerentes à produção da carta antes da efetivação do autoextermínio, conceitos que podem ser vinculados aos pressupostos freudianos e lacanianos.

A Organização Mundial da Saúde (2017) destaca o suicídio como questão de saúde pública, é a morte voluntária sendo abordada por órgãos e instituições públicas e privadas. A proposta desta tese, ponto de vista academicista, é contribuir à luz da Análise do Discurso e da teoria psicanalítica o irrompimento da interdição sobre o suicídio coma elucidação da constituição do sujeito assujeitado à essa teia.

A elaboração analítica é justificada no interesse pela escrita dos suicidas, que embora não queiram mais se inscrever na vida, no mundo, desejam “falar”. Desejo este que se imbrica com o meu, pesquisadora, que desde a fase da infância buscava na escrita de cartas (não entregues aos destinatários) romper com as inquietudes. A escrita era, para mim, libertadora; e com a experiência da vida permitiu-me reconhecer-me um pouco mais.

A Análise de Discurso, além de área de estudo no campo da Linguística, área em que me inscrevo, permite o perpasso da história, memória e psicanálise na busca de entendimento da incompletude do sujeito suicida.

CAPÍTULO II

2. DAS CARTAS DE SUICÍDIO

Eu escrevo como se fosse para salvar a vida
de alguém. Provavelmente a minha própria vida.
Clarice Lispector

Algo que chama-nos bastante atenção na sociedade brasileira é o crescimento da prática do autoextermínio, que chegou a 43% entre 2010 e 2019, conforme matéria publicada no site do Conselho Federal de Medicina (CFM)⁵. A percepção deste tipo específico de ação certamente ocorre em razão da inserção direta na sociedade civil e ao número crescente de ocorrências, paralelamente à percepção da ineficácia das campanhas e prevenções, enquanto tentativas de auxílio a tais pessoas.

De relevância dupla, o presente capítulo busca demonstrar a importância dos estudos sobre as cartas suicidas como mecanismo de explorar a subjetividade do sujeito e os dessemelhantes sofrimentos dos sujeitos suicidas. Posteriormente, buscar-se-á estabelecer de modo preciso as bases para análise psicanalítica; como ferramenta auxiliar para análise de discurso para os próximos capítulos. Em impulso de investigação analítica e com a seriedade de pesquisadora que respeita a si e aos demais na complexidade sob sofrimento do sujeito discursivizado nas cartas suicidas. Dentre os sujeitos suicidas, a seleção do *corpus* contou com 4 cartas.

2.1 Uma carta: gênero discursivo para decisão

Sendo a produção do texto escrito a materialidade para estudo desta tese, especificamente a carta do sujeito suicida, por todos os textos que emergiram na urgência da escrita, os quais possuem características discursivas, devendo-se observar a organização composicional, aspectos linguísticos e de estilo, marcas enunciativas regulares, segundo a autora cada gênero constitui-se de vários níveis de organização, como exposto em Lopes-Rossi (2003).

⁵ Disponível em:

<https://portal.cfm.org.br/eventos/taxa-de-suicidio-cresce-43-em-uma-decada-no-brasil>

De abordagem tipológica, as produções de linguagem, os aspectos sociocomunicativos são considerados mais importantes na constituição do texto do que os aspectos linguístico-textuais, conforme Marcuschi (2002). Em linhas gerais a carta é uma das modalidades textuais mais antigas do mundo e continua a ser utilizada em diversos contextos e situações. É um gênero textual dialógico, tem como principal objetivo estabelecer uma conversa entre dois interlocutores específicos.

De cunho pedagógico, a carta é gênero textual utilizado para correspondência escrita entre pessoas, instituições e tem como objetivo comunicar alguma coisa ou tratar de assuntos de interesse dos interlocutores. Elaborada por remetente e enviada a destinatário, compõem-se no campo pedagógico pelos elementos: local, data, vocativo, texto, despedida e assinatura, quais eram: carta a um amigo, carta a um jornal, carta ao reitor, enfim: onde fosse de interesse do locutor. Com suporte em revistas e na composição do gênero textual os registros de carta do leitor, carta do editor, carta ao leitor.

Em situação de comunicação, todas as produções de linguagem – faladas ou escritas – são enunciados sócio-historicamente constituídos e situados e, portanto, caracterizados por aspectos sociocomunicativos (condições de produção, de circulação, de recepção; propósito comunicativo, estrutura composicional, temática e estilo). Nesse sentido, isto é, no da produção de texto como prática social, a carta é um exemplo de gênero discursivo escrito.

Na esfera dos tipos de cartas, desdobramos em análise de material escrito: carta. Denominadas cartas, cada uma com a sua particularidade, apresentam como suporte (do gênero discursivo carta de sujeito suicida) o corpo objetificado, memorificado que na polifonia do discurso dos sujeitos suicidas das cartas, empresta-nos o corpo. Este corpo perpassado pela memória, história é o meio para analisá-los na condição do sujeito assujeitado ao poder social foucaultiano e a condição do suicídio que na visão durkheimiana só é possível ser exemplificado no contexto social em que se encontram inseridos os sujeitos: nesta tese a memória dos corpos.

As cartas dos sujeitos suicidas analisadas caracterizam-se pela linguagem em primeira pessoa do singular, expressando sempre no discurso algo que o sujeito em emergência precisa expressar; é uma necessidade urgente de fazer emergir o discurso.

A carta do sujeito suicida possui como característica peculiar a emergência como acontecimento discursivo. Sobre a validade da tipificação de carta do suicida como gênero discursivo, Bazerman (2005:37) posiciona-se sobre a importância de estudar os diversos conjuntos de gêneros utilizados em nossa sociedade.

Lopes-Rossi (2002) refere-se sobre as características dos gêneros como “aspectos discursivos” ou amplamente como “condições de produção e circulação” do gênero. Levando-se em conta que toda produção linguística deve ser entendida como uma forma de ação social munida de determinadas condições de produção sócio-históricas. Corroborando Marcuschi (2005:10): “não se ensina um gênero como tal e sim se trabalha com compreensão de seu funcionamento na sociedade e na sua relação com os indivíduos situados naquela cultura e suas instituições”.

Para a carta do sujeito suicida como gênero discursivo consideramos o nível de organização emergencial, de característica discursiva, como marca enunciativa em primeira pessoa com a condição de falar algo sobre si ou apresentar algum comunicado para outro. A organização do texto verbal, deverá considerar além da emergência a formação do remetente, autor, sujeito discursivo que deve funcionar de imediato na sociedade, uma vez que a mesma urgência em produzir a carta é o desejo do sujeito-autor que a mesma se faça lida: como recado dado.

Assevera que a carta do sujeito suicida é um gênero discursivo com a consideração que postula Lopes-Rossi (2006) de que há características discursivas, composicionais, linguísticas, de estilo e enunciativas específicas do gênero.

O procedimento para a análise do gênero discursivo é a seleção de quatro cartas, estudo desta tese, e suas organizações. Para isso, tivemos o cuidado de selecionar diferentes autores para a avaliação das possibilidades de variação.

Quadro 1 – Informações sobre os casos analisados

Nome do suicida	Idade	Data da morte	Método escolhido	Gênero discursivo: Carta
Getúlio Vargas	72 anos	24/08/1954	Tiro no coração com revólver calibre 32	Carta de Testamento e Denúncia para o país
Kurt Cobain	27 anos	05/04/1994	Tiro de espingarda na cabeça	Carta de Despedida
Sabrina Bittencourt	39 anos	02/02/2019	Desconhecido	Carta Denúncia
Flávio Migliaccio	85 anos	04/05/2020	Enforcamento por corda	Carta de Despedida

Fonte: elaborado pela autora.

A condição de produção do gênero discursivo carta do sujeito suicida sempre será a emergência. Para o acontecimento deste gênero discursivo sempre haverá uma morte real ou simbólica. Aqui faço menção aos casos em que há a especulação de que o ato é colocado em

evidência como suicídio. Atemo-nos às cartas e ao que as mesmas nos oferecem como materialidade discursiva para a caracterização do gênero discursivo.

A finalidade, a função comunicativa do gênero discursivo carta de sujeito suicida é a função de comunicar como interação que o gênero possui na sociedade. Neste âmbito, fazemos a classificação de que se não estabilizado pela mídia com o nome, intenção que carrega a carta do sujeito suicida (testamento, despedida, denúncia) o próprio corpo da carta indica o que se pretende o seu ator: sujeito suicida.

As cartas dos sujeitos suicidas enquanto gênero discursivo ganham esta condição de gênero, uma vez que ocorre a inserção na prática social, considerando as condições de produção e circulação. Como já dito, a condição de produção é de caráter emergencial, como se fosse preciso escrever, produzir a carta, para partir para o ato da pulsão de morte que, para o sujeito suicida, é a pulsão que liberará a angústia do eu assujeitado a dores e condições sócio-históricas de constituição do sujeito. A função do gênero discursivo associa-se ao contexto enunciativo.

Quadro 2 – Caracterização das cartas de sujeitos suicidas como gênero textual

Quem escreve esse gênero discursivo?	Tão somente o suicida real ou simbólico.
Onde?	O lugar destinado para a sua morte ou no local às vésperas de sua morte.
Quando?	Antecipadamente ao ato do suicídio.
Com base em que informações?	Da condição de constituição do sujeito da angústia psicanalítica.
Como o redator obtém as informações?	Na sua condição de sujeito atravessado pela memória que lhe é constitutiva.
Quem lê esse gênero?	Familiares, amigos, nação.
Por que o faz (com que objetivos o lê)?	Para a busca de entendimento do ato do suicídio.
Onde o encontra?	Nas proximidades do corpo ou em publicação de rede social.
Que tipo de resposta pode dar o texto?	Pode ser testamento, despedida, denúncia, apontamento de culpabilidade, lamentação.
Que influência pode sofrer devido a essa leitura?	É um gênero que pode causar respostas múltiplas, sendo até mesmo um novo ato de suicídio.

Essas perguntas são propostas por Lopes-Rossi (2010) para a caracterização do texto como gênero discursivo. Segundo a autora, esses procedimentos dependem do conhecimento do mundo sobre a funcionalidade do gênero da sociedade atual: reiteramos sociedade ocidental, de maioria cristã. Bazerman (2005) pontua que a construção de sentidos para os gêneros depende de educação, socialização ou aculturação.

2.2 A emergência das cartas como acontecimento discursivo

Discussões nas sociedades contemporâneas são permeadas pela temática do suicídio. Estatísticas revelam a gravidade: a cada 40 segundos uma vida é perdida por suicídio em algum lugar do mundo segundo a Organização Mundial da Saúde. Essa é representação da dor, do desespero e da angústia que perpassa o sujeito e muitas vezes encontra-se silenciado em seu subconsciente. Buscar a análise discursiva das cartas dos sujeitos suicidas é uma maneira de olhar com empatia para o que o sujeito vítima do autoextermínio nos deixa em rastros discursivos nas suas cartas.

As cartas do sujeito suicida, mais que lamentação, são expressões reais da sua dor emocional, do seu pedido de ajuda e outras vezes como última tentativa de comunicar-se. Optamos pelo materialismo histórico na Linguística de cunho de Análise de Discurso que possa nos encaminhar ao entendimento do discurso do corpo suicida que para algo ou alguém apresenta seu último discurso em enunciação narrativa, a escrita e escritura que poderá ser ou não ser a “morte”, onde finda a história. Assim como é possível notar nos casos da própria carta; o que se objetivou na escrita enquanto se tornava público o que se dá só-depois:

[...] no processo de reorganização ou reinscrição pelo qual os acontecimentos traumáticos adquirem significação para o sujeito apenas numa posteriori, isto é, num contexto histórico e subjetivo posterior, que lhes confere uma nova significação (Roudinesco, 1998, p.32).

No percurso de estudos dessa tese, percebem-se ações, no Brasil, ligadas à temática como a Campanha do Setembro Amarelo, proposta pelo Centro de Valorização da Vida⁶ (CVV), que tem ganhado força e notoriedade. Contudo, tais esforços precisam ser integrados ao aumento da consciência pública. Em outros tempos, falar sobre “aquela doença ruim”, leia-se câncer, sobre Síndrome da Imunodeficiência adquirida (AIDS), sobre Violência Doméstica eram tabus, assim como sinalizo o lugar de necessidade para a saúde pública falar Suicídio. Pela infelicidade ocasional, os dois últimos eventos têm sido uma crescente nos últimos anos.

Levando-se em conta o suicídio não lê-se no código penal nenhuma punição que seja maior que a morte do indivíduo, exceto no caso de outro favorecer ao suicídio, é proposta deste estudo também a mecanismo de contravenção e o entendimento de como aumentar a consciência pública para o comportamento suicida.

⁶ Formado exclusivamente por voluntários, o CVV oferece apoio emocional e prevenção do suicídio gratuitamente. Quem nos procura, normalmente está se sentindo solitário ou precisa conversar de forma sigilosa, sem julgamentos, críticas ou comparações. Atuamos nacionalmente. Nosso atendimento é realizado pelo telefone 188 (24 horas por dia e sem custo de ligação), chat, e-mail e pessoalmente em alguns endereços. O CVV é uma entidade nacional fundada em 1962, financeira e ideologicamente independente. Sem viés religioso, político-partidário ou empresarial. Disponível em: <https://cvv.org.br/>. Acesso em 29 abr. 2023.

Em linhas iniciais desse estudo assevera-se que é necessário e sabedores somos que se a pergunta lançada for: “É necessário falar de suicídio” a resposta silenciosa e silenciada a sociedade nos reservará. Aqui trata-se dos dispositivos do movimento de sentidos propostos por Orlandi (2002) em *As formas do silêncio*.

As reações à temática são frequentes em especial para aqueles suicidas não popularizados ou com a noticiabilidade do caso. E aqui, entende-se o sofrimento das pessoas que passaram pela dor que usualmente dizem ser maior que a dor do corpo que se praticou o autoextermínio.

Aqui temos o paradoxo da memória daqueles que foram e a lembrança nos trará o corpo auto exterminado e o interesse de nosso estudo o corpo presentificado em cartas, bilhetes, mensagens: o discurso final do sujeito que pela sujeição, a qual procuraremos entender, deixa o legado em memória discursiva em letras.

De cunho de trabalho em discurso a Análise de Discurso permite olhar para além das marcas textuais nos acessos às filiações ideológicas. Isso leva a percepção das marcas de regularidades encontradas em discursos analisados a partir dos dispositivos discursivos, dando percepção às contradições, equívocos discursivos para evidenciar os funcionamentos e buscar explicar os processos de significação e sentido.

Etimologicamente, discurso, origina-se da ideia de curso, de percurso, de movimento, de dinamismo. Como prática de linguagem, discurso é palavra em movimento para quando o sujeito fala, fala-se. “O discurso, por princípio, não se fecha. É um processo em curso. Ele não é um conjunto de textos, mas uma prática. É nesse sentido que consideramos o discurso no conjunto das práticas que constituem a sociedade na história” (Orlandi, 2009, p.71) ainda corrobora a autora que a proposta da Análise de Discurso é a construção de um dispositivo de interpretação que coloque em evidência o que é dito em relação ao que não é dito, o que é dito de outra forma ou em outro lugar.

Distante de avaliação valorativa das cartas suicidas, há busca por descortinar o mecanismo por detrás dos funcionamentos discursivos que se traduzirá na (re)significação a partir das condições de produção das palavras expressas. Análise de Discurso, como disciplina de interpretação, busca interpretar os diferentes discursos e suas formas de produção, a partir dos sentidos, sendo entendida como disciplina de interpretação, a partir da intersecção da linguística, materialismo histórico e psicanálise. Assertivamente Orlandi (2009, p. 66) apreende que a análise do discurso

[...] visa compreender como um objeto simbólico produz sentidos. A transformação da superfície linguística em um objeto discursivo é o primeiro passo para essa compreensão. Inicia-se o trabalho de análise pela configuração do corpus, delineando-se seus limites, fazendo recortes, na medida em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise, retomando-se conceitos e noções, pois a análise do discurso tem um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao corpus e análise.

Sobre o Dispositivo Teórico da Interpretação (conceitos, princípios, construções teóricas) sustentado nos princípios gerais Análise de Discurso e Dispositivo Analítico do Analista, aqui definimo-nos como autora-pesquisadora do discurso suicida, cuja distinção é apresentada por Orlandi (2005, p. 27): “[...] o dispositivo teórico é o mesmo, mas os dispositivos analíticos, não. O que define a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da pesquisa”. Esta contribuição valida-nos na condição de pesquisadora para as teorias mobilizadas para análise do discurso suicida que nos encaminha para a fase da Análise de Discurso em estudos da linguagem perpassada pela Psicanálise.

Sob o âmbito de Orlandi (2005, p.62) “[...] não há análise do discurso sem a mediação teórica permanente, em todos os passos da análise, trabalhando a intermitência entre descrição e interpretação que constituem, ambas, o processo de compreensão do analista”. As etapas da presente pesquisa existem no entremeio do sujeito suicida através do discurso suicida na interpretação das cartas suicidas, as quais se reportarão para a constituição do quadro teórico da pesquisa do sujeito suicida, na prática do autoextermínio, que se revela para além do materialismo histórico na memória do sujeito objetificado e perpassado pela história e cindido pela psicanálise sem seu estado de sujeição.

Na situação do gesto suicida, o dispositivo teórico servirá como lupa que permitirá a visão para a análise. Na fase de análise da carta suicida, “[...] o analista, no contato com o texto, procura ver nele sua discursividade e incidindo um primeiro lance de análise – de natureza linguístico enunciativa constrói um objeto discursivo” (Orlandi, 2005, p.77). A superfície linguística, do discurso do suicida, surge quando, no corpo da carta, o sujeito na prática de autoextermínio deixa de existir, contudo a Análise de Discurso, em uma via de mão dupla, faz o batimento entre a teoria e a análise, consulta ao corpus e análise leva-nos a retomada do corpo que é silenciado pela sujeição do sujeito e por sua vez silenciada no corpo sem vida.

Os vestígios das cartas são os rastros que marcam a des(identificação) do sujeito suicida através do que é possível descortinar no discurso de suas formações, relações de

sentido, práticas, ditos e não-ditos no transitar entre o corpo e o discurso: “o corpo do discurso”.

Em ponto de intersecção, as cartas dos sujeitos suicidas aqui analisadas apresentam diálogos internos repletos de autocrítica, lamentações, falta, incompletude, sentimentos e traumas, os quais vazam no discurso, refletindo a luta interna que os sujeitos travam. Menções como: “bebê errático e triste”, “SIM e FIM” como afirmação taxativa final e que discursivamente enredam o subconsciente do sujeito assujeitado na teia de solidão e desespero no ambiente hostil em que cada sujeito auto exterminado pelo coletivo social foi deixado às margens da vulnerabilidade da dor emocional que impulsiona a pulsão de morte para a vida.

Os discursos presentes nas narrativas das cartas são objeto de importância para a análise de discurso e psicanálise é com a ética da pesquisa acadêmica que lançamos o olhar analista para a busca de revelar se não as motivações, os anseios por trás de cada carta, a construção discursiva de um sujeito cindido pela ideologia que o perpassa no subconsciente, com isso temo a análise de que a carta é mais que um grito final, mas é a possibilidade de encontrar a formação discursiva que constituem os sujeito que submetem-se ao autoextermínio.

A linguagem encolhida dos traços de cada sujeito que discursa nas narrativas suicidas lança traços do desejado reconhecimento que foram invisíveis no cotidiano apertado da vida apressada pela vivência descalibrada: é a incompletude.

As cartas apresentam diferentes propósitos, mais do que despedidas, é na polifonia de vozes discursivas que localizamos o desejo em contar histórias, dizer sobre si, lamentar, deixar como testamento, desmascarar abusos, independentemente de ser escrita por indivíduos anônimos ou públicos. Cada carta do sujeito suicida tem sua carga emocional, preenchidas pelos aspectos sócio, político e ideológico do sujeito, em busca de desnudar a vulnerabilidade de quem as escreveu como-nos ao exercício de análise.

Mesmo a fama ou a notoriedade foi capaz de blindar o sujeito da dor emocional, da dor existencial que acometia a cada vítima de autoextermínio.

Nas cartas de Sabrina Bittencourt, Kurt Cobain e Getúlio Vargas e Flávio Migliaccio a instabilização do discurso é iminente. Como ponto intrínseco predominantemente o conceito da falta lacaniana é, onde há desejo e incompletude é aparente conexão que aponta para a dor emocional.

Como papel que fora buscado (Getúlio Vargas), aceito ou intimado pela dor da ativista (Sabrina Bittencourt), ou imposto (Kurt Cobain: como assim ele sentia) ou a exaustão de Flávio Migliaccio em todas as cartas analisadas são marcados na linguagem pela ideologia

que se manifesta concretamente. Estes sujeitos circulavam entre as esferas públicas e privadas e mantendo-se numa ou noutra ou por não conseguir se manter em uma determinada instância mostram-se em luta interna em busca de autenticidade e a ruptura das correntes que a fama lhes impôs. A ruptura não é possível, mesmo em isolamento, uma vez que a ideologia lhes é constitutiva como sujeito. Sujeitos estes marcados e cindidos por aspectos sócio-político-ideológico e religioso.

Kurt Cobain expressa a angústia de um artista sufocado pela própria fama, simbolicamente no produto da interação social através da narrativa, da palavra, da voz que ecoa e no discurso que vaza o desprezo por um papel que lhe foi imposto, um acontecimento do real simbólico que dá abertura a discussões sobre alienação que o artista enfrentou na esfera pública. Sucumbido e entremeado nas forças desta esfera, Kurt Cobain não encontra força para voltar a circulação tão meramente de instância privada.

Sabrina Bittencourt, em isolamento, por onde decidiu habitar, ancora seu corpo e na condição de ativista em isolamento, não consegue calar a voz do real simbólico persistindo como denúncia na realização de vídeos e cartas. A heterogeneidade constitutiva do sujeito da ativista a desloca para a instância privada, no entanto ela não consegue calar as vozes que ecoavam em sua memória que lhe é constitutiva enquanto sujeito.

Getúlio Vargas na compreensão da falta lacaniana e desejante usa da linguagem na narrativa de sua carta o papel de discurso como interação, lugar de manifestação ideológica, para que a mesma servisse como elemento de mediação necessária entre o homem e sua realidade, a realidade que argas busca validar com seu ato de suicídio.

As cartas do sujeito suicida são lugares de conflitos, de confronto ideológico, alguns sujeitos apresentando mais ou menos falhas de confronto ideológico, Kurt Cobain oscila entre o amar e odiar, Sabrina Bittencourt entre o ativismo e o fim e sim, Getúlio Vargas não titubeia em dizer que será historicizado, cumprindo seu papel em dizer que venceu, postulando que o ódio, a infâmia e a calúnia não lhe abateram seu ânimo e o ponto de oscilação é a morte, assim como os demais. Flávio Migliaccio em seu discurso apresenta-se desejante daquilo que ele esperava ou gostaria para a velhice no Brasil.

Reiteramos que as condições de produção dos discursos analisados nas cartas dos sujeitos suicidas são sempre em urgência, de uma escrita que necessitava ser tecida para que houvesse a comunicação e a justificativa do ato prestes a ser praticado.

O objetivo desta tese em análise discursiva das cartas não é encerrar a importância da dor emocional de cada sujeito que na interrupção de sua existência clama por seu ouvido.

Nos três casos em análise o silêncio irrompe com a ajuda da escrita e paradoxalmente deparamos com um discurso silenciado. Nesse movimento, entendemos que os sujeitos para se ter condição de irromper com o silêncio, posteriormente tem a necessidade de silenciar-se para sempre. Seria o rito de irromper o silêncio, de desestabilizar o discurso que até então era silencioso e por isso invisível sem a percepção de outro que pudesse ouvir o silêncio fundante e significativo.

O impacto da linguagem e a habilidade da escrita, nas cartas analisadas, cada uma carregada de retórica, falhas, incompletudes e marcas do sujeito com uma determinada formação discursiva e condição de produção de discurso, é ferramenta crucial para o reconhecimento da dor emocional e no ensejo como posicionamento de tomada de força e encorajamento para o autoextermínio. Cada palavra lançada não é mera ocasião, mas carregada de sentidos que moldam a percepção emocional de quem a lê. Papel nosso, nesta tese, é analisar desde a escolha do vocabulário, até a condição de sujeito e as suas pretensões vazadas no discurso. A vulnerabilidade dos sujeitos analisados vaza nas entrelinhas, nas contradições, na polissemia de dito e não-dito, de se autodescrever ou intitular.

Buscar-se-á compreender o modo como a dor emocional se dá através das análises das cartas dos sujeitos suicidas. Lidamos com o fato de que, nas análises de cartas, não é apenas uma reação de eventos externos, é um encadeamento complexo de experiências que envolvem memória discursiva (Pêcheux, 2015). Para o autor, a memória discursiva é o suporte semântico de um discurso, seu funcionamento se dá através da repetição de enunciados, que formam uma regularidade discursiva. Esta, por sua vez, invoca sentidos através dos pré-construídos estabelecidos nas séries enunciativas.

Ao falar sobre dor emocional evoca-se imagens, simbologias de perdas profundas, rejeições, solidões e traumas, os quais ecoam no silêncio ou silenciamento, conforme postula Orlandi (2002) na obra “As formas do silêncio: no movimento dos sentidos”.

Entrelaçadas em feitos de vida desafiadores, as raízes da dor emocional levam o indivíduo a um estado de vulnerabilidade que extremado culmina-se no ato suicida. O silêncio e silenciamento a partir da continuidade ou não da vida bifurcam-se em raízes que se distinguem, contudo se orientam para o mesmo lugar.

O sujeito que se depara com a morte do outro é impactado em silenciamento, revelando no luto um abismo que, se hesitado a explorar, por sua vez, pode culminar no ato suicida por não vencer ao luto. Do ponto de vista da sociedade ocidental, em que a morte é vista com grande impacto psicológico, o ato suicida é velado em discurso, senão pelos

familiares, pela sociedade que entende que o melhor a se fazer é o silêncio para que não se crie encorajamento para outros atos.

Psicanaliticamente, tem a dor emocional como não individual, contudo refletida e amplificada na formação discursiva do sujeito, na condição de produção de discurso em que as expectativas não concretizadas, as pressões sociais são oriundas do interdiscurso, de formação do sujeito discursivo. O medo de não atender às expectativas de sucesso impostas por aquilo que se pensa ou se espera do outro na relação de formação ideológica pode ser tão asfíxiante quanto a perda física de alguém.

A ideologia imposta corrobora para que o sujeito submeta-se à dor emocional, da qual ele não é capaz de se livrar. Esse sujeito interpelado pela ideologia tem em si a angústia presente como luta interna, numa meada emocional difícil de atravessar, onde a saída nem sempre será visível para o sujeito que, por sua vez, poderá buscar sua visibilidade na carta de sujeito suicida. Cabe-nos como pesquisadores dar sustentação no âmbito social para essa dor, a fim de humanizar as tantas histórias que a dor pode contar.

Temos a percepção de que cada narrativa, por mais intimista que seja, contribui para o entendimento coletivo. O sujeito interpelado pela ideologia que é construído na/pela linguagem. As cartas escritas por aqueles que contra a dor lutaram e expressaram-se em “cartas suicidas” tornam-se testemunhos fundamentais para a constituição do sujeito autoexterminado na amostragem das diversas formas de como a dor se manifesta. Essa dor emocional, a angústia psicanalítica não pode ser ignorada, uma vez que ela revela a condição humana através da formação discursiva do sujeito que, assujeitado ao ato suicida, revela-se na carta.

No lugar de pesquisadora, linguista, a propositura de escuta ativa possível de execução é no campo da linguagem com a análise das cartas dos sujeitos suicidas.

Escuta tardia talvez, do ponto de vista de alguns, contudo que anseia acolher o desejo final do sujeito ao desdobrar-se em dor para a escrita da carta. Não se trata aqui de posvenção, porque não é de competência da linguagem/linguística, mas justamente pela análise dos discursos é que vejo viabilidade de suscitar a troca de saberes essenciais para a construção de um espaço que seja seguro e que a dor angustiante possa ser balizada e discutida sem estigmatização.

2.3 Do dispositivo teórico-analítico

Os discursos dos suicidas são permeados e atravessados pelas suas relações com uma Formação Discursiva determinada e pela Memória Discursiva. Assim, dizemos que não existe sentido em si, uma vez que o sentido nasce de relações de caráter ideológico, o que faz com que as palavras sejam apreendidas a partir do exterior do discurso e que os sentidos se movam de acordo com as posições do sujeito discursivo.

Memória discursiva aqui é entendida como “[...] o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra” (Orlandi, 1999, p. 31). Retomamos ao sujeito da prática de autoextermínio que deixa a lembrança aos entes, e ainda registra-se em memória no discurso final.

Diante disso, pretendemos analisar a narrativa de sujeito suicida como materialidade linguística sob o ponto de vista discursivo para apreender a Formação Discursiva, os lugares discursivos e a ideologia que marca o sujeito suicida e a Condição de Produção do Discurso em que seus discursos foram produzidos. Para realizar tal empreitada, pautar-nos-emos além do conceito de ideologia, de discurso, dos processos de identificação, de Condição de Produção do Discurso, de Interdiscurso e de Memória Discursiva e priorizaremos o sentido como algo que não se constitui, especificamente, pela/na materialidade linguística, mas na relação estabelecida entre esta, a exterioridade, a história e a memória discursiva do corpo objetificado e memorificado em enunciados das cartas.

Analisamos o discurso do sujeito suicida, como materialidade linguística sob o ponto de vista discursivo para apreender as marcas do discurso do sujeito-suicida, bem como analisar a constituição identitária desse sujeito e a Condição de Produção do Discurso em que seus discursos foram produzidos. Nesse sentido, o sujeito-suicida se inscreve na superfície linguística como confessor de si, pelos ditos e não-ditos, a partir do lugar ideológico nos processos de identificação/desidentificação desse sujeito discursivo em sua de vida/morte.

O sujeito que pratica o autoextermínio é discursivizado de modo objetificado mesmo após suicídio entre as instâncias privada e pública. Como sujeito constituído civilmente confessor de si no discurso final, objeto deste trabalho. Esse mesmo sujeito fala do lugar e espaço que lhe constitui, podendo circular nos espaços em que desejou ou foi imprimido o seu final de vida. No caso em análise o sujeito mesmo em momento final é perpassado pelas esferas privadas em públicas. Como dito, o corpo é de pertença de algo ou alguém, mesmo quando finda-se a vida.

Enquanto vivente, o sujeito, na instância pública, vislumbra a possibilidade de visibilidade e de ter acesso a um reconhecimento que transponha a esfera doméstica,

ganhando espaço na instância pública inevitavelmente, quando irrompe-se da instância privada na situação de autoextermínio. Aos sujeitos do ato suicida a instância pública passou, recentemente, a permitir-lhes a manifestação, sob forma de cartas de sujeitos suicidas que poderá apresentar-se de cunho social, político, ideológico ou emocional.

Nas ocorrências de autoextermínio, percebemos que os sujeitos lamentam frequentemente, muitas vezes nas esferas privadas e públicas. Notamos, também, que a sociedade igualmente lamentava o suicídio, mas que casos semelhantes continuam em uma crescente sistemática, sem que nada fosse possível fazer, uma vez que todo sujeito tem o livre acesso de ir e vir, viver ou morrer, desde que seja em ato provocado a si no gesto de suicidar-se.

Foi, assim, precisamente, que se deu a percepção assistemática da existência de um ponto de intersecção entre os dizeres de sujeitos da prática de autoextermínio em comum: o discurso desejante, no sentido de um discurso que lamenta a incompletude. Este estudo teve origem na manifestação da inquietação notada na análise de cartas com as nomenclaturas de gênero textual de sujeitos discursivos na prática suicida.

Na visão de Orlandi (2005), os dizeres são efeitos de sentidos que são produzidos em determinadas condições, sendo que as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele. As condições de produção do discurso compreendem, segundo a autora, em sentido estrito, o sujeito, a situação e a memória e, em sentido amplo, as condições de produção que incluem o contexto sócio-histórico, ideológico.

Segundo Orlandi (2005), o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele, segundo Orlandi, que afirma ainda: “o fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia” (2005, p.32).

Para Foucault (2005), o já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um “jamais-dito”; acrescenta ainda que o já-dito é um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o vazio de seu próprio rastro.

Supõe-se, assim, que tudo que o discurso formula já se encontra articulado nesse meio-silêncio que lhe é prévio, que continua a correr obstinadamente sob ele, mas que ele recobre e faz calar (Foucault, 2005, p. 28).

De acordo com Foucault (2005, p.28), o “[...] não-dito seria um vazio minando, do interior, tudo que se diz”. Orlandi (2005) afirma que o que não é dito, o que é silenciado constitui o sentido do que é dito, pois, de acordo com a autora, as palavras se acompanham de silêncio e são elas mesmas atravessadas de/pelo silêncio. Entre o dizer e o não-dizer “[...] desenrola-se todo um espaço de interpretação no qual o sujeito se move” (Orlandi, 2005, p.85), uma vez que o discurso “é o efeito de sentido entre os locutores”.

Orlandi (2005) explica as duas formas de esquecimento no discurso propostas por Pêcheux (1988): o esquecimento número dois – que é da ordem da enunciação, ou seja, o sujeito fala de uma maneira e não de outra, sendo que o dizer sempre podia ser outro. A forma, maneira de falar significa no dizer, mesmo que o sujeito não tenha consciência disso, trata-se, portanto de “[...] um esquecimento parcial, semiconsciente; é o chamado esquecimento enunciativo e que atesta que a sintaxe significa: o modo de dizer não é indiferente aos sentidos” (Orlandi, 2005, p. 35). O esquecimento número um é também chamado de esquecimento ideológico, pois, segundo a autora, é “[...] da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia” (op. cit. p. 36), assim, temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existentes.

Parafraseando a autora, no esquecimento número um, os sentidos apresentam-se, pela ilusão constitutiva do sujeito, como se originando nele, quando, na verdade, são determinados pela maneira como o sujeito discursivo se inscreve na língua e na história. “Os sujeitos ‘esquecem’ o que já foi dito para, ao se identificarem com o que dizem, se constituírem em sujeitos” (Orlandi, 2005, p.36). Assim,

[...] as palavras adquirem sentidos e os sujeitos se significam, retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles e é assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas mas, ao mesmo tempo, sempre outras (op. cit., p.37).

A dor emocional na dada complexidade do sujeito é usualmente anunciadora de comportamento suicida. Levando-se em conta que a dor emocional não é meramente o sofrimento, que vem da perda, da rejeição, do trauma ou de situações de impotência ou sufocamento do sujeito, mas uma dor que diz respeito à angústia psicanalítica. Para Freud ([1926] 2011), a angústia seria uma reação diante do perigo da perda de um objeto, já Lacan ([1962-1963] 2005), direciona-nos para outra perspectiva: a angústia não como o sinal de uma falta, mas como da falta do apoio da falta. É a falta que faz com o que o sujeito deseje.

A referida dor manifesta-se de diferentes formas configurando-se em cada sujeito, de modo que o sujeito suicida será aquele que, nas mais variadas formas, não encontrará estratégias de lidar com a dor e, de forma insuportável, recorrerá ao suicídio como solução.

Desveladamente, entender a dor emocional e o suicídio é também preconizar a quebra de estigmas que circundam esta temática. Com o devido zelo tangido pela Organização Mundial da Saúde é necessário descentralizar o tabu do suicídio e então traçar diálogo com autenticidade onde os sujeitos suicidas ganham vozes nas suas narrativas no ato do autoextermínio. Inicia-se aqui, o reconhecimento da importância em ouvir, acolher e entender as nuances da realidade suicida, mesmo que de maneira tardia, é a contribuição que entendemos ser validada para a análise do sujeito discursivo suicida em dada condição de produção do discurso.

Como fundamento para os próximos capítulos os desdobramentos psicanalíticos servirão como lentes através das quais a análise de discurso descortinará a dor intencionalmente comunicada nas cartas suicidas. Esta tese se constrói em espaço seguro de embasamento teórico discursista e reflexivo no rastreo de entendimento das percepções da dor emocional e o suicídio.

Guiados pela ciência em análise de discurso e pelas vozes e histórias narradas nas cartas, norteando-nos para compreensão da dor emocional e do sofrimento que leva ao extremo da condição humana, quando se finda a vida. As contribuições de Lacan, Freud, Pêcheux e Orlandi oferecem diferentes singularidades que iluminam a análise da complexidade do sofrimento humano. Cada um deles trará à tona elementos que entrelaçados oferecerão a análise das camadas discursivas presentes nas cartas suicidas.

Freud (1911/1972), fundante da psicanálise, destaca a importância do inconsciente em seus estudos e desvela os mecanismos que orientam os desejos humanos. Para o autor, a dor emocional, muitas vezes está enraizada em conflitos internos não resolvidos, pensamentos reprimidos e traumas passados. A teoria freudiana sobre transferência e resistência é um prisma sobre o qual podemos olhar a entrega das cartas. Cada narrativa em forma de desabafo, justificativa, ressentimento, rancor, ódio, grito de reconhecimento carrega em si a formação discursiva de cada sujeito que, por sua vez, é permeada pela história fazendo ressoar no presente como agente revelador de sentimentos que emergem da luta interna de cada sujeito angustiado.

Lacan, ampliando as reflexões freudianas, apresenta o conceito de “real”, o “simbolismo” e o “desejo”. Segundo Lacan (1988) a dor emocional não é somente fruto de uma psique doente, mas envolve a relação do sujeito com o outro e com a linguagem, que

molda a subjetividade. Na análise das cartas suicidas, percebemos os desejos não atendidos, as lacunas emocionais e a busca por reconhecimento descentraliza-se o sujeito, tirando-o de seu eixo mesmo, levando-o ao estado de abismo. Nesta perspectiva, a narrativa suicida é tida como uma expressão de busca, descoberta por conexão que é reforçada pela declinação do desejo de viver.

Seguidamente, Michel Pêcheux (1988) de abordagem discursivista, destaca a importância da linguagem na construção de sentido. São as lentes da/na linguagem, à luz pecheutiana, que tornam as cartas objetos de estudo das estruturas sociais e ideológicas. A linguagem nas cartas suicidas agrava a sua significação do/no cotidiano. Sob esse viés, somos levados a questionar quais as formações discursivas são condicionantes do emocional do sujeito. Temos um convite a desconstrução de estigmas e a construção da análise da realidade subentendida que leva o sujeito ao entendimento de que o suicídio é a única saída. A análise discursiva é essencial para analisar o dito e o não dito, no entendimento de como a formação discursiva aclimata as experiências de cada sujeito.

Por fim, e não menos importante porque é destaque dos estudos no Brasil e embasamento teórico que perpassa a totalidade dessa tese, Orlandi (2005) destaca a produção de sentido, introduzindo problemática de como o sujeito se situa em relação à sua própria linguagem. As cartas suicidas, neste enfoque, são produções que articulam um grito por serem ouvidas e compreendidas. Cada carta representa além do desabafo, a busca de configurar uma identidade que grita por reconhecimento e validação. Aqui, inicia-se a abordagem do reconhecimento de si através da escrita. Para Orlandi ao afirmar que devemos reconhecer as múltiplas vozes presentes no discurso traz a necessidade de analisar a narrativa para explorar a dor emocional e o suicídio.

CAPÍTULO III

3. A SUJEIÇÃO DA DESPEDIDA E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Reconhecendo a dor emocional como universal, é imprescindível destacar que cada sujeito as vive de maneira singular. A unicidade de cada carta na análise da condição do sujeito com uma determinada formação discursiva e condição de produção de discurso é o ir e

vir, o distanciar-se e aproximar-se da ideologia que permeia a coletividade do olhar social para o discurso suicida.

Nessa ciranda, abrimos espaço para a análise direta e o diálogo com as cartas suicidas que se apresentam como ecos de gritos silenciados. A leitura dessas cartas é, para mim, um movimento de coragem, no anseio de entender, em análise, o que se esconde no sombrio da falta, na dor emocional na falha do discurso do sujeito que se sujeita ao ato suicida.

As narrativas de sujeitos autoexterminados apresentam evidências de lamentação e, muitas vezes, busca de compreensão. As cartas são o último desabafo de um sujeito aflito e representam o espelho de sua trajetória, sua jornada de vida até o ponto extremo em que se encontram. Ainda que muitas vezes a abordagem seja como se houvesse uma única questão, a narrativa ali presentificada é de toda uma vida perpassada pela ideologia que lhe é constitutiva no corpo memorificado.

As cartas desses sujeitos, como característica de toda comunicação, carregam o desejo de serem escutadas/lidas. A escrita da carta, mais que uma manifestação, é o desejo de relevância do sujeito suicida.

No lugar de sujeito assujeitado à condição de suicida, este sujeito enunciador, pela escrita, se não faz ressoar a voz silenciada do indivíduo no momento da morte, ao menos potencializa e fortalece a premissa do sujeito fundante assujeitado ao seio social contemplado nas cartas.

Getúlio Vargas, 67 anos, (1882-1954) de família de tradição política, filho de pais fazendeiros gaúchos. No Rio Grande do Sul iniciou seus estudos, posteriormente estudou em Ouro Preto - Minas Gerais. No ano de 1898 iniciou a carreira militar até 1903, quando se propôs a voluntário na possível ameaça de guerra entre Brasil e Bolívia pela questão territorial do Acre.

Assumi a presidência do Brasil por 19 anos, pelo regime ditatorial e, posteriormente, eleito pelo voto popular, esteve no poder entre os anos de 1930 e 1945 e de 1951 a 1954. Deixou o legado de “Era Vargas” traçada pelo regime ditatorial e contrariamente a isso a criação de leis trabalhistas (salário-mínimo, carteira de trabalho, férias anuais e remuneradas), ocasião que o denominou de “pai dos pobres”.

Em 24 de agosto de 1954, como chefe de estado, no exercício da presidência da República, depois de anunciar ao seu vice que renunciaria ao cargo, enquanto os opositores comemoram a notícia, ele já havia dito antecipadamente que não sairia do Palácio do Catete vivo. Horas antes de seu suicídio, Getúlio Vargas redigiu sua carta testamento aos brasileiros

no cumprimento da promessa e “*sai da vida para entrar na História*” quando atira contra o peito atingindo o coração (Baum, 2004).

Kurt Cobain, 27 anos (1967 - 1994) foi um cantor e compositor. O músico foi fundador, vocalista e guitarrista da banda Nirvana. Filho de pais de profissão mecânico e garçone, eles se separaram aos 7 anos de idade de Kurt Cobain, quando este passou a ser uma criança reclusa e rebelde, preferindo ficar sozinho ouvindo música e pintando. Nesse período, Cobain dividia moradias na casa do pai, da mãe, de amigos e parentes. Abandonou o ensino secundário a 2 semanas da conclusão. Aos 14 anos foi presenteado com uma guitarra e iniciou o processo de criar suas canções.

Em 1º de março de 1994, período de turnê com a banda Nirvana, Kurt Cobain se jogou no vício de heroína. Diagnosticado com bronquite foi levado ao hospital. Em 3 de março a esposa ao acordar percebe que Kurt Cobain tinha sofrido overdose, sendo novamente hospitalizado por 5 dias. Em alta hospitalar, retornou a sua casa em Seattle, escreveu uma carta de despedida e se suicidou com um tiro na cabeça. Morreu aos 27 anos de idade no ato de suicídio e seu corpo foi encontrado 3 dias após o ato, em 05 de abril de 1994.

Sabrina Bittencourt, 38 anos (1981-2019), de família mórmon, apresenta queixa de abuso sexual desde os 4 anos de idade por integrantes da igreja frequentada pelos pais e avós. Grávida aos 16 anos, vítima de estupro, abortou. Dedicou-se ao ativismo pelas vítimas de abusos por líderes religiosos, dentre eles Prem Baba e João de Deus. Suicidou-se em 02 de fevereiro de 2019, na Espanha, deixando uma carta-denúncia como gatilho de seu ato, no Facebook, às 20h05min. Por todas as polêmicas que circundam o suicídio de Sabrina Bittencourt pautamo-nos: “O MPF contempla o programa de Proteção a Defensores de Direitos Humanos, mas Sabrina Bittencourt não participa deste programa pois, em tese, suicidou-se”^[1]. As opiniões sobre a possibilidade de “morte simbólica” justificam-se no fato de que, nessas condições, seu suicídio não deixa de ser uma espécie de assassinato. Os responsáveis são aqueles que ameaçavam matá-la. Conseguiram”^[2]. Nessa guisa, optamos por analisar o que pedi para ser lido/ouvido de Sabrina Bittencourt em sua carta-denúncia.

Flávio Migliaccio, 85 anos (1935-2020) era filho de pai barbeiro e a mãe cuidava dele e de seus 16 irmãos. “Sempre vivemos nesse clima da arte de representar, de tocar. Meu pai queria que eu fosse barbeiro, até tentou me ensinar a profissão. Ele reunia todos os mendigos da nossa rua e fazia aquela fila, para eu cortar o cabelo e fazer a barba deles. Eram minhas cobaias. Mas acabei não aprendendo, eu queria mesmo era ser artista. Uma vez, fui assistir a

um espetáculo numa igreja e percebi que um dos atores era muito ruim. Não gostei dele de jeito nenhum. Então, fiz uma coisa que não deveria ter feito: esperei terminar o espetáculo e fui falar com o diretor. Disse que o cara era muito ruim e que eu faria melhor. O diretor me deu o papel do cara. Fiz, foi legal e comecei a gostar. E foi assim que estreei como ator amador”, conta^[3].

O ator se dedicou à televisão na participação de 30 novelas e minisséries e a sua queixa era: “Eu não fico chateado por pegar um papel pequeno. A única coisa que me incomoda na televisão é a falta de humor do diretor e da equipe. Eu gosto de brincar, de ficar num ambiente alegre”. O ator foi encontrado morto por enforcamento em seu sítio em Rio Bonito, interior do Estado do Rio de Janeiro, em 4 de maio de 2020.

Flávio Migliaccio sob olhar de seu filho e jornalista Marcelo Migliaccio que relata: "Numa de nossas últimas conversas, eu tentava, mais uma vez em vão, motivar aquele homem cansado, desiludido com a avalanche fascista que toma conta do planeta. 'O mundo está um lixo', ele me disse. Dias depois, ou antes, não me lembro, ele me deu outra razão para justificar seu desejo de sair definitivamente de cena: 'Já não escuto direito, minha vista está falhando, a memória também. Daqui para frente só vai piorar. Já vivi demais. Oitenta e cinco anos. Chega’.

Continua... "Usei todos os meus argumentos, mas meu pai não queria mais jogar. Era uma decisão tomada, acho que muitos anos antes daquele domingo em que ele disse que daria uma caminhada pelo bairro e sumiu", conclui. Da intimidade, relata o filho Marcelo Migliaccio: "abusado num seminário e expulso por resistir ao assédio do padre descreditou de Deus para sempre", narra o filho que, apesar do sofrimento, diz ter respeitado a decisão radical do pai^[4].

Com isso, as cartas são, para os sujeitos suicidas, pela convocação do Outro, o convite para suprir a incompletude, como é o caso da carta de Flávio Migliaccio que busca, pelo encontro da realidade não encontrada na vida. Buscam espaços desconhecidos na pulsão de morte, já que a vida é aquilo que funciona na evidência dos sentidos.

Muitos casos de autoextermínio parecem ter sido roteirizados como a estreia de um grande filme, mas “[...] ninguém escreve para alcançar fama, que de qualquer modo é algo muito transitório, ou a ilusão de imortalidade. Sem dúvida alguma escrevemos, em primeiro lugar, para satisfazer algo dentro de nós, não para outras pessoas. Naturalmente, quando outros reconhecem nossos esforços, isso aumenta nossa satisfação interior, mas ainda assim

escrevemos, em primeiro lugar, para nós mesmos, seguindo um impulso interno” (Freud a Marie Bonaparte, 1925 apud Paim Filho, 2018, p. 157).

O processo da escrita de Sabrina Bittencourt, por exemplo, permite descortinar outras realidades para o ativismo: eram dados até então desconhecidos. Em todos os casos de cartas em análise, mesmo que digamos que toda escrita tem um interlocutor, mesmo que, do imaginário, as cartas apresentam um interlocutor de forma mais explícita, comprometendo-se diretamente com o outro, é no impulso interior freudiano que, embora escrevemos em primeiro lugar para nós mesmos, a saída se dá pela escrita, pela emissão de carta, e trata-se da saída da angústia que é a morte para esses sujeitos.

A possível imortalidade do sujeito desejante discursivo nas cartas seria possível a cada novo acesso de leitor, assim mesmo morto, estaria vivo na memória discursiva. A relação estabelecida entre a atividade escrita e a atribuição do sujeito suicida, que para além de lamentação da/na escrita, oferece a si mesmo, deflagrou este estudo e as análises, é o que se constitui de discurso suicida em cartas de suicidas.

A hipótese para os discursos dos sujeitos suicidas só nos é possível nas narrativas das cartas em depoimento de si pautados no sujeito assujeitado, desejante e na lamentação e que reproduzem um discurso histórico da peculiaridade da sua condição de sujeito sócio-histórico-político-ideológico.

3.1 O silenciamento do ativismo de Sabrina Bittencourt

Na leitura da carta suicida deparamo-nos com expressões de angústia que por vezes carregam uma carga de significação mais profunda do que conseguimos captar, mas em trabalho de análise de discurso utilizamos de encontrar a falha para a partir de então, dali analisar.

Somente nos é possível a compreensão da análise das cartas no decurso das atividades de análise, quando a ideologia do sujeito jazido se apresenta na superfície linguística. A leitura analítica em caráter especulativo leva às evidências de que também Sabrina Bittencourt em análise de si é envolta por determinada ideologia de ativista que é a mesma ideologia que a faz pulsar em morte.

Cada narrativa resulta de uma formação discursiva perpassada pela ideologia que carrega experiências únicas e intransferíveis. É possível verificar nas narrativas o silêncio que fora enfrentado, que se rompe e desvela-se em misto de desespero, confusão e por algumas ocasiões em busca de aceitação e entendimento. Como é o caso de Sabrina Bittencourt:

S1: Que muitas flores nasçam dessa merda toda que o patriarcado criou há 5 mil anos!”

S2: Eu fiz o que pude, até onde pude.

Notamos no excerto acima o peso que o sujeito diz ter suportado. Necessário se faz atentar-se à riqueza da narrativa que emerge a seguir, onde analisamos ecos das relações danificadas, sonhos não realizados e o anseio por compreensão e acolhimento, talvez, se assim o permitisse.

S3: Perdão por não aguentar, meus filhos.

S4: Minhas irmãs e irmãos na dor e no amor, cuidem deles por mim.

A lente da psicanálise para desvendar o que muitas vezes parece oculto na superfície linguística da narrativa do sujeito, pelas escolas de Freud e Lacan no estabelecimento entre desejo, falta e a angústia manifestada pela vítima do autoextermínio. A dor, aqui narrada, não expressa somente o fim, mas também o sofrimento vivido anteriormente. Excerto de narrativa de vida que falhou em dar conta da expectativa social e pessoal.

S5: Eu sempre disse que era só uma pequena fagulha. Nada mais.

No recorte acima, a luta entre o querer e não poder, entre desejar ser ouvido e o silêncio que se impõe ao sujeito.

A linguagem utilizada nas cartas suicidas pode nos ajudar a entender a formação do sujeito, a forma como a identidade se cria em torno das experiências vividas.

O impacto desolador da dor emocional, a importância que esse sujeito demonstra do desejo de escuta que para a vítima de autoextermínio somente nas narrativas das cartas suicidas teria efeito de sentido: esse é o desejo que, exemplificamos:

S6: USEM SUA PRÓPRIA VOZ. A SUA PRÓPRIA VONTADE. TOMEM AS RÉDEAS DE SUAS PRÓPRIAS VIDAS E ABRAM A BOCA, NÃO TENHAM VERGONHA! ELES É QUE PRECISAM TER VERGONHA. (grifos da autora) Não aguento mais.

A voz acima ecoa a reflexão da necessidade de mudança cultural significativa. Contudo, o grito estabelecido na narrativa em caixa alta dos originais é o grito que antes o sujeito entrega-se a si, pede, clama, resmunga a dor emocional da angústia psicanalítica que não conseguiu se fazer ouvida. A repetição em “própria voz”, “própria vontade”, “própria vida” é o desejo latente do inconsciente do sujeito lacaniano que se estrutura pela/ na linguagem. Ela na narrativa final ecoa em seu inconsciente um grande grito de que não se deu conta antes e tomada pela dor emocional que superou a si, entregou a vida. Entregou-se pela falta e incompletude em vida.

Seguidamente, a narrativa apresenta o desejo fundante do sujeito suicida em entremear-se aos próximos, movendo-se de cunho ideológico em lugares que pudesse sócio e politicamente proteger aos demais que tão vítimas quanto a si foram vitimizados pela dor emocional e a angústia psicanalítica, contudo relata e desvela em seu discurso o seu lugar social, remetendo a:

S7: Mas ainda assim, preferi SEMPRE (grifos do original) ficar do lado mais frágil nesta breve existência: mulheres, crianças, idosos, jovens, povos originários, afrodescendentes, refugiados, ciganos, imigrantes, migrantes, pessoas com deficiência, gays, pobres, lascados, fudidos, rebeldes e incompreendidos...

Atenta-se para a construção da identidade do sujeito que assevera “SEMPRE” estar nesse lugar como preferência, contudo, diz conhecer outra instância como o lugar do abusador quer seja religioso ou político. Enuncia diz ser deste lugar, da condição de abusada, que saíra, um dia, e com isso decidiu pelo lugar onde se instalar na construção ideológica do sujeito. Deparamos que na movência do sujeito, o lugar onde se inscreve Sabrina Bittencourt que é o lugar de ativista, de onde não conseguiu fazer ecoar sua voz e de tamanha incompletude do sujeito sem movências no ativismo constrói a despedida do corpo esvaziado de vida que declama.

S8: Aos meus amigos, amadas e amantes, nos encontraremos um dia! Sintam meu amor incondicional através do tempo e do espaço: SIM e FIM.

No complexo psicanalítico lacaniano, digo da junção palavra + afeto; palavra + emoções na compreensão de complexo. O sujeito suicida em análise diz saber que: “no seu no íntimo todo menino nasceu puro e foi abusado, corrompido, machucado, moldado, castrado, calado, forçado a fazer coisas que eu não queria, até se converter talvez, cada um à sua maneira, em tiranos manipuladores (em maior ou menor grau) que ao não controlar os próprios impulsos, tentam controlar a quem consideram mais frágil e assim praticam estupros, pedofilia, adições diversas... Eu sei, eu sinto, eu vi”. A ativista não se coloca no lugar comum dos demais, apontando não ter se corrompido, convertido (em suas palavras), mas que se manteve na posição de quem foi abusada e decidiu pelo ativismo.

Em suas palavras o dito, o dizer que se revela um pouco mais de si, reconhecendo-se no lugar de castração que a ativista busca sair, mas decide pela interdição, do interdito na pulsão de morte. Com as especulações de morte simbólica, sobremaneira, morre Sabrina Bittencourt, uma vez que seu ideal ativista memorifica-se, contudo o ideal libertário lhe é retirado pelo poder social imposto aos corpos.

Transitando pelo lugar de abusada à ativista o sujeito suicida busca militar por vítimas semelhantes a si: de abuso sexual, no caso dela, Sabrina Bittencourt, desde os 4 anos de idade o que se deu na construção ideológica religiosa familiar, culminando com a gravidez por estupro aos 16 anos, ocasião em que realizou aborto. Posteriormente mãe de três filhos, cometendo suicídio aos 38 anos.

No encaminhamento do publicização do suicídio o filho justifica que a mãe lutou até o fim e que cometeu o suicídio para que os filhos não fossem mortos, uma vez que ela desejava fazer a exposição de mais de 300 vídeos e cartas relatando abusos cometidos por líderes espirituais. A interdição do discurso da ativista justificando-se ser em defesa do outro.

Não é intento desta tese as justificativas aplicadas ao suicídio, contudo o desejo de analisar como acima exposto a formação discursiva e a condição do sujeito que se revela nas cartas suicidas. Sabrina Bittencourt incentiva em sua narrativa a denúncia de atos e fatos que levam a dor emocional, a angústia psicanalítica que combata a solidão e isolamento em que ela mesma se entregou e que precedem ao suicídio, com o desejo de expressão que em última análise deve ser ouvido antes que o silêncio se faça ensurdecador.

Atentemo-nos que Sabrina pede por aquilo que ela não conseguiu: é o já-dito, que ela replica em ativismo: temos aqui a instalação da lamentação da ativista que lamenta por não ter feito o que deseja e que foi vencida por sua dor emocional na angústia psicanalítica latente. É Sabrina Bittencourt o sujeito desejante, que na falta psicanalítica deparou-se com a pulsão de morte para a vida; sujeito assujeitado a condição de recuar do ativismo, posta em silenciamento pelas ameaças, e razão do ativismo, decide-se por recuar quando vê-se encurralada de ameaças a si e aos familiares. Instaura-se o silenciamento e emerge a carta denúncia

A narrativa de Sabrina ao explorar a dor emocional em análise fundamenta o entendimento ao suicídio e promove a importância de cuidado e de escuta nas relações humanas, responsabilizando a todos no contexto social em oferecer empatia e acolhimento. Com isso, a proposição desta tese de que cada carta na visão do autoextermínio seja um convite ao diálogo, denúncia e cuidado para com as minorias e não como um desespero final.

Essa é a essência da mudança que deseja promover relatada em sua narrativa “Volto para meu vazio e deixo minha essência em PAZ”. Se de cuidado literário em compreensão da análise de discurso, podemos considerar a carta de Sabrina Bittencourt como Carta Denúncia.

3.2 Kurt Cobain: a polifonia na carta de despedida

Ao expressar suas vivências o sujeito reduz o peso de que carrega e contribui para a própria percepção de si, o que podemos concluir a partir da análise da carta de Kurt Cobain:

K1: *Falo como simplório homem com experiência que obviamente preferia ser uma criança castrada e reclamona.*

Nesta passagem a dor emocional leva Kurt Cobain ao entendimento de que suas experiências são únicas e solitárias, colocando-se no lugar de silenciado com o desejo de reclamar.

Em estabelecimento de laços de empatia pelo acolhimento da comunidade artística, esse é o discurso internalizado e socialmente estabelecido da personificação do sujeito da fama, em ser objetificado, homem-coisa que apresenta em seu discurso a lamentação pelo não vivido:

K2: *Eu não tenho sentido excitação de ouvir, bem como criar música, juntamente com a leitura e a escrita, faz muito anos. Eu me sinto culpado por essas coisas além do que posso expressar em palavras.*

Conseguindo discernir a rede de suporte íntima e poderosa para a construção e manutenção do sujeito, de si. Kurt Cobain reconhece que a música, a leitura e a escrita perpassam seu ser como condição de mudança de estado emocional. Castrado e silenciado por fatores externos, Kurt Cobain é assujeitado na condição de não conseguir realizar as atividades que acolhiam seu estado emocional e que poderiam tirá-lo do estado angustiante. Em busca de satisfação do gozo teorizado por Lacan (1972) no sentido de componente estrutural do funcionamento psíquico, distinto das perversões sexuais, na sua realização artística. A falta, a incompletude são latentes que o faz asseverar:

K3: O pior crime que posso imaginar seria enganar as pessoas sendo falso e fingindo como se eu estivesse me divertindo 100%

E ainda lamenta:

K4: *Às vezes eu sinto como se eu tivesse que bater cartão de ponto antes de subir ao palco.*

Kurt Cobain não se intitulava capaz de calibrar a dor emocional vivida, a angústia da necessidade de proporcionar diversão ao público, contudo não sentia gozo nesta relação. Não havia para Kurt o retorno do que era entregue, e este retorno diz respeito ao que era sentido por ele. Interdiscurso de que este era o modo correto do exercício profissional, como se o

humorista tivesse a sujeição de sempre estar alegre disposto e pronto para a fama enfatiza sobre seu esforço:

K5: *Eu tentei tudo ao meu alcance para gostar disso (e eu tento, por Deus, acreditem em mim, eu tento, mas não é o suficiente.*

O não suficiente remete à falta psicanalítica do sujeito Kurt que é também da incompletude.

Declara que deve ser narcisista e sensível que só dá valor nas coisas quando elas se vão. No que tange a calibração do sujeito que se autointitula narcisista somos levados a analisar do preâmbulo da escola freudiana em que a existência permanente e simultânea de uma oposição entre a libido do eu e a libido do objeto, e a formular a hipótese de um movimento de gangorra entre as duas, de maneira que se uma enriquece a outra empobrece. São as pulsões entre a vida e a morte de Kurt Cobain buscando sonhar para sair da zona de perigo da pulsão de morte.

Não de caráter sexual, Kurt Cobain sinaliza para a falta, da incompletude do sujeito que assujeitado que ao realizar-se artisticamente não consegue balizar entre o público e o privado. O reservatório de gozo não era suficiente para que a falta não lhe provocasse a dor emocional quando precisava o labor artístico e não encontrava a excitação da música, escrita e leitura, atividades da e na linguagem que inerentes ao sujeito é, constitutiva do sujeito Kurt.

Ele lidava com a pressão de sua fama e o peso da expectativa do público, em demonstração de vulnerabilidade ele discursiva revelando a depressão e o desespero de um homem que se sentia preso no papel que não desejava desempenhar. Polifonicamente sua carta ressoa as vozes que sentem a opressão entre a ponte glamourosa da fama ao ordenamento da solidão que é preciso carregar nos ombros.

Ele propõe como solução entrar em estado de dormência para voltar a ter o mesmo entusiasmo de quando criança. Nesse âmbito, analisamos que a eficácia da recuperação da dor emocional poderia ser sanada, uma vez que paradoxalmente não está apenas em ser forte, mas em reconhecer e aceitar a fragilidade como constitutivo do seu ser. Poderia obter a capacidade de desconstruir para construir na busca de formação de um sujeito que calibrasse em um novo coletivo configurando-se nas esferas públicas e privadas sem o consumo de seu reservatório de libido, conforme postulado freudiano para os sujeitos narcisistas que o próprio Kurt Cobain lhe imputa.

No desenrolar da narrativa Kurt Cobain recorre a sua fase da infância como momento em que pode sentir o gozo do viver, mesmo lamentando ter sido uma criança castrada de esquecimento de nº2, ele reaviva o que é ser criança. Permite-nos no seu discurso de narrativa

de suicida a localização da intersecção entre dor e resiliência, uma vez que demonstra em seu trajeto de vida a construção do sujeito com vivências e experiência que lhe permitem vislumbrar e contrapor a existência da infância e fase adulta. Sendo o desejo de viver entrelaçado as experiências de dor, segue:

K6: Eu acho simplesmente que amo as pessoas e isso me deixa muito triste. O pequeno, sensível, insatisfeito, pisciano, Jesus triste. “E por que você simplesmente não aproveita?” Eu não sei.

Invocando o nome de Deus / Jesus pela segunda vez na narrativa, Kurt Cobain revela a sua busca, apego naquilo que lhe é possível na tentativa de preencher a incompletude do sujeito assujeitado pela dor emocional, pela falta, pelo seio social, pelo imaginário daquilo que o outro pensa sobre ele. Reconstroi na narrativa o que é importante para si: esposa, filha, nação. Este é o discurso imputado socialmente, o sujeito da polifonia de vozes o qual do inconsciente ele não consegue romper o assujeitamento. Como o desejo do funcionamento do sujeito sócio-político-ideológico Kurt Cobain não se aceita por não conseguir a completude para a vida e vivência, conforme relata:

K7: E isso me apavora ao ponto de eu mal conseguir funcionar. Eu não posso suportar a ideia de francês se tornar triste, autodestrutivo, e mortal roqueiro, como eu virei.

O interdiscurso que perpassa Kurt remete a todos os padrões comportamentais e éticos que lhe são constitutivos, não permitindo-lhe o rompimento para o aceite de sua dor emocional ou mesmo para viver a vida conforme o desejo lacaniano do sujeito e que lhe proporcione o gozo.

A dor emocional de Kurt Cobain é intercalada com pequenas porções de esperança que parecem aproximar e distanciar-se no trânsito sombrio da carta de despedida, por exemplo a esperança de que esposa e filha serão acolhidas em afeto porque são boas pessoas. O que ressoa como justificativa: posso partir elas ficarão bem. Contudo a sensação de angústia não lhe permite vislumbrar que apenas esse fato de pertencimento familiar de boas pessoas não lhe acalma o subconsciente que grita no exercício de pensar na sensibilidade de não ter a completude pessoal e profissional do sujeito circulando entre as esferas públicas e privadas. É ultrajado pelo modelo de autor, ator e sujeito.

Kurt Cobain nos oferece em seu discurso de despedida narrado na carta a possibilidade de analisar o complexo fenômeno da dor emocional e sua intersecção com o suicídio através

de relatos íntimos que revelam seu estado psíquico. Notamos os ecos das vivências que reverberam no seu presente. Na condição de sujeito auto exterminado narra o desespero, a lamentação, a incompletude, a falta que é compreendido desde a infância:

K8: [...] *mas desde os sete anos, passei a ter ódio de todos os humanos em geral. Apenas porque parece tão fácil para as pessoas que têm empatia se darem bem. Apenas porque eu amo e lamento demais pelas pessoas, eu acho.*

Kurt Cobain relata em dubiedade amor e ódio. Polissemicamente, diz amar e odiar, já que amar e lamentar é um sentimento que ele acha ter, enquanto o ódio desde os sete anos de idade é asseverado e generalizado, trata-se do coletivo da humanidade que tem empatia. O sujeito Kurt Cobain aceitando-se ou atribuindo-se como não empático, é o mesmo que lamenta por ser triste e autodestrutivo, além de mortal roqueiro. Ele já revelava um apelo inflamado à atenção e empatia, na representação do sujeito que assume que nem sempre o riso é sinônimo de felicidade, a sua representação encontrava-se em desconexão entre a imagem projetada e a construção do sujeito angustiado: entre o simbólico e o real.

A importância de ser roqueiro a sua mortalidade constitui um sujeito envaidecido por si, consciente que odiava as pessoas e contraditoriamente fazer a menção “eu gosto do fato que eu e nós atingimos e divertimos um monte de gente.” Kurt Cobain anuncia aqui um sujeito que não compreende seu estado que não pode ser por dormência, mas que já vive em latente dormência reconhece-se o distanciamento sobre o que que gostaria de ser e o que os outros pensam sobre ele: a ideologia que constitui o homem Kurt Cobain, distancia-se do exercício do roqueiro.

Nesse movimento o sujeito Kurt Cobain inconsciente de esquecimento número 1º ele replica em valores estabelecidos pelo seio social do poder de instância pública como família, nação e o que é ser criança. É levado pela dor emocional que o consumirá em náuseas, ou seja, ele não se suporta, ele não suporta a angústia de ser quem é, do fazer profissional, de sua escolha, agradece em despedida:

K10: *Obrigado do fundo do meu ardente estômago por suas cartas e preocupação.*

K11: *Eu sou um bebê errático e triste! Eu não tenho mais a paixão, e por isso lembre-se, é melhor queimar de vez do que se apagar aos poucos.*

A criança que foi Kurt Cobain assumidamente na fase adulta no excerto K10 assume não ter coração para a despedida, com isso o esvaziamento do amor. A manutenção da culpabilidade que não foi rompida desde a fase inicial da vida, ou que volta para o vazio de

ser bebê como mecanismo de defesa de pedido de desculpas, já que o mesmo não tem memória dessa fase da vida, e a tristeza grita em dor emocional insuportável.

Kurt Cobain em sua carta demonstra estar encapsulado não só a luta contra a dor psicanalítica, mas a ideia de que a sua fama era como uma entidade que o observava, um público que buscava por ele e isso fazia dele refém. Em uma relação tensionada na busca de liberdade e acorrentado pela expectativa social. Nessa dualidade do que o sujeito é e aquilo que esperam que ele seja. Kurt Cobain estava entre a observação e participação na sua vida torna-se cenário onde não é possível a distinção em as instâncias públicas e privadas. Kurt Cobain é espectador de si.

Ainda como meio de manutenção da vida de Kurt Cobain pode-se analisar a vida sem paixão. É possível viver sem paixão? De compreensão fisiológica sim, contudo viver sem paixão à vida seria como o estado de dormência que Kurt Cobain propôs, estado de congelamento em vida, ou morte em vida. A pulsão de morte para a manutenção da vida já tinha se perdido na opressão da sujeição ao ato suicida de Kurt Cobain.

A paixão de Kurt Cobain com a decisão de queimar de vez do que se apagar aos poucos foi a paixão do flagelo, da mortificação, da pena, do tormento, do suplício, do sofrimento angustiante de seu sujeito. Que encerra com a sua máxima incompletude do sujeito, em quem reconhece-se um pouco mais na escrita da sua narrativa final:

K12: *Paz, amor, empatia.*

Assim, encerra-se a carta de despedida de Kurt Cobain. A escrita como reconhecimento de si para Kurt Cobain e como esse exercício da linguagem elaborado por Kurt Cobain de música, escrita e leitura pode ser terapêutica para os sujeitos desejan-tes de um pouco mais de reconhecimento de si até para a tomada de decisão para o ato do suicídio ou não. A escrita pode motivar mudanças e reconhecimento em quem a escreve e ajuste no coletivo social de quem a lê. No caso do sujeito autoexterminado, Kurt Cobain assujeitado pelas condições e cobranças sociais da profissão, do nacionalismo pelo ego francês e da memória de infância do bebê errático: oferece-nos a constituição mostrada do sujeito da prática de autoextermínio que mesmo de véspera do ato suicida, consegue manifestar-se daquilo que antes fora silenciado em reconhecimento um pouco mais de si.

3.3 Ideologia política: Carta testamento de Getúlio Varga

Da perspectiva do silêncio e silenciamento proposto por Orlandi (2002), Getúlio Vargas nos apresenta a sua carta testamento como documento comprobatório do ato. Já em posição de desgaste nas esferas por onde o sujeito circulava propõe como palavras iniciais:

GV1: *Mais uma vez as forças e interesses contra o povo... se desencadeiam sobre mim.*

GV2: *Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes.*

Diferentemente das vozes de Sabrina Bittencourt e Kurt Cobain, o sujeito suicida Getúlio Vargas angustiado por mais uma vez precisar lançar contra-ataques às forças e interesses que não favorecem o povo, ele discursiviza em desabafo, contudo, seu discurso não se origina do silêncio ou silenciamento, mas este discurso da carta testamento funda-se no grito do sujeito que decidiu não calar e angustiado fortalece-se e enuncia que precisam sufocar a voz dele, assim como impedir sua ação. É momento em que tange o contraditório no discurso, pois em grito que não se silenciou, Getúlio Vargas, entrega suas últimas forças e armas em testamento de seu suicídio.

Para Getúlio Vargas, em busca de amenizar o peso do destino que lhe era imposto, a saída foi utilizar a narrativa em carta testamento como ferramenta para expressar o discurso, o qual se apresentou como salva vidas em ironia de que a vida não lhe permitiu dizer em voz alta.

Getúlio Vargas propõe em sua narrativa da carta do sujeito suicida compartilhar experiências e deixar como legado a forma governamental necessária às minorias para que o povo fosse independente das amarras burocráticas governamentais, assim assevera:

GV3: *Não querem que o povo seja independente.*

A íntegra da carta é totalmente permeada pelos aspectos políticos constitutivos do lugar onde se inscreve e fala Getúlio Vargas, do seu ponto de vista com o que é melhor para o brasileiro e para a sociedade. Aponta estar em defesa da economia para o povo e sob pressão foi obrigado a ceder. A dor emocional apresenta-se no cansaço, na exaustão, que segue:

GV4: *Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo, para defender o povo, que agora se deixa desamparado.*

Getúlio Vargas posiciona-se estando sujeito à linguagem, à seus equívocos, sua opacidade, localizamos na opacidade da narrativa de Getúlio Vargas certificar de que não há

neutralidade, que Getúlio Vargas anuncia-se do lugar de poder que lhe foi conferido no executivo federal e que a entrada no simbólico político mostra-se irremediável e permanente. Getúlio Vargas está comprometido com os sentidos e o político. Getúlio Vargas não é sujeito que se apresente com total ingenuidade à linguagem, contudo encontramos em seu discurso o ponto de intersecção da polifonia e da memória institucional que ele pretende estabilizar “testamenteiramente”.

Nesse jogo de vozes podemos localizar a memória do outro, o esquecimento, o apagamento do homem que não se coloca em lugar de reconhecimento de si, mas em reconhecimento da instância governamental, da esfera do poder. O que o leva na movimentação de sentidos dispersa-se e em ato de centralidade do indivíduo ancorar indistintamente entendendo-se ser o melhor: prova disso é o testamento em vida para a hora do suicídio, morte.

Getúlio Vargas desejava em sua unicidade buscar a capacidade de significar e significar-se. Ele propõe que através de seu discurso, o mesmo se torne permanente e contínuo. Em esquecimento de número 1, Getúlio Vargas não se pondera como homem daquele tempo e espaço, mas como homem com receita e formulação para que a humanidade desfrute de seu testamento como legado para o futuro vindouro. Sujeito com a condição de formação discursiva do inconsciente e que o levava a entender-se como o melhor.

Não obstante a dor emocional de Getúlio Vargas que se pronuncia almejando ser visto e compreendido. De retórica elaborada, o que não distância da urgência da escrita de Getúlio Vargas, assim como demais cartas de sujeitos suicidas, uma vez que prorrogar a escrita, seria prorrogar a angústia, ele busca conexão entre o atual cenário do país com aquilo que ele acredita ser o mais viável e melhor. No campo da ideologia o sujeito institucional é marcado por apagamentos de que se pode haver outra maneira ou encaminhamento, colocando-se, sobremaneira, na ruptura de que que não se pode, deve limitar ao que é dito, focando em suas emoções e anseios.

Em camadas internas ao discurso institucional, Getúlio Vargas, diz-se manter de pé e que respondeu a todos com sua vitória.

GV5: *E aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória.*

Ideologicamente, Getúlio Vargas buscava manter sua dominação através do Aparelho Ideológico de Estado conforme postulado por Althusser (2003), buscando criar mecanismo de perpetuação de política em sua narrativa de carta de sujeito vítima de autoextermínio. A construção ideológica do sujeito Getúlio Vargas busca meios de organizar o sistema de ideias

e valores lógico e coerentes com aquilo que ele entendia necessitar perpetuar como discurso institucional. O desejo de influenciar o que devem pensar, sentir, agir, fazer e como fazer o sujeito institucional político e ainda qual a aceitação caberá a nação dentro dos parâmetros que Getúlio Vargas propõe.

Validando esse posicionamento, Getúlio Vargas, mais que uma carta, apresenta à nação um discurso testamento: sendo de mais valia e o modelo a ser seguido as suas proposituras ideológicas políticas. Getúlio Vargas extorquir-se não apenas para ser testamenteiro da nação, mas acessando a subjetividade, na escrita ele se não se reconhece um pouco mais, encoraja-se, uma vez que sua máxima em vida de extorquir-se e confessar-se é a sua última pulsão de vida para a morte; encerra-se a dor emocional, a angústia, a falta e a incompletude do que ele desejava para a nação, mas deixa a sua marca para a história: “Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História”.

3.4 Flávio Migliaccio: a dor emocional na carta de despedida

A análise da narrativa da carta de Flávio Migliaccio leva ao entendimento de que o sujeito narrativo, ao falar de si, torna público aspectos privados de sua constituição: enuncia lamentações que se revelaram originárias da condição sócio-histórica e, portanto, ideologicamente constituída do sujeito. Flávio Migliaccio trouxe para a vida pública no caso de seu autoextermínio o que era antes a sua instância privada: a exaustão com a humanidade.

No discurso das cartas de Flávio Migliaccio, o sujeito encontrava-se no domínio da intimidade em instância lugar de onde enuncia. desta esfera da vida, âmbito privado, o sujeito suicida Flávio Migliaccio endereça uma carta na véspera do ato suicida para a humanidade ao solicitar que as crianças sejam cuidadas. Nesse movimento, o ator, move-se em seu discurso do privado para o público.

O funcionamento deste dispositivo teórico da carta do suicida se verifica no ato da pulsão de morte da narrativa de Flávio Migliaccio que inicialmente lamenta a vida e, seguidamente, extermina a mesma.

Ele desculpa-se porque há o saber do consciente de que o suicídio não é a morte esperada, para não dizer a autorizada socialmente. O próprio algoz de Flávio Migliaccio é a imagem que ele vislumbra sobre si na atualidade do mundo: a velhice no Brasil. Decididamente, opta por não permanecer na companhia de sua agressora: a vida.

A ausência do corpo de Flávio Migliaccio, da presença material, não o coibiu. Do lugar do sujeito desejante que ele imprimiu em seu estado privado, que notadamente foi o de acessar o corpo do outro solicitando o cuidado com os demais e relatando a sua exaustão.

A vida privada de Flávio Migliaccio, Sabrina Bittencourt, Getúlio Vargas, Kurt Cobain vem à tona amplamente e as repercussões são de imediato endereçadas a suas devidas caracterizações em tipologias, gêneros discursivos com determinado fim de comunicação. Flávio Migliaccio justifica a descrença, que é a dor emocional, a angústia psicanalítica e não confere permissão para questionamentos.

Os discursos das cartas suicidas, dos quatro sujeitos analisados em suas cartas, constroem sentido que são, para os suicidas, a justificativa que sustenta a prática de autoextermínio. Existe o desejo fundante do sujeito em justificar-se e, sobretudo, em levantar a militância daquilo que acreditavam, nem que fosse, no caso de Kurt Cobain, que o fim é a melhor saída. Em ponto de intersecção a regularidade discursiva mostrada: a de que perpassados pela ideologia, revelam-se como justificativa de evidenciar o momento final.

3.5 Entrelaçando os conceitos e análises

Cada capítulo percorrido nesta tese teve o objetivo de explorar os sentidos que se constituem na intrincada relva da experiência humana entre a vida e a morte. Partindo da dialética do desejo lacaniano até a linguagem reveladora de Pêcheux e Orlandi, somos levados a analisar a urgência da escrita das cartas em análise das situações que envolvem o sujeito autoexterminado para dar voz àqueles que se silenciaram à própria dor. Não trata-se apenas da leitura da carta, mas como analista de discurso, dar voz a intensidade das emoções que permanecem não ditas: eis o acolhimento possível após a morte.

A utilização do desejo na obra de Lacan aponta para as complexas dinâmicas das cartas suicidas. Para Lacan (1962/2004) o desejo não se limita a um anseio simples, mas apresenta-se como busca incessante de algo que indefinidamente está sempre à espreita, distante. O fenômeno da “falta” é crucial para a compreensão da angústia analítica que permeia as cartas de desespero.

Orlandi (2002) corrobora que a linguagem tem por condição a incompletude, sendo que nem sujeitos, nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos em definitivo. Que os sujeitos funcionam exatamente no entremeio, da relação, da falta, do movimento. Essa movência se dá na condição de incompletude e que a dor emocional leva seu corpo ao

apagamento culminando na ruptura do jogo polissêmico incontrolável entre demanda e desejo.[1]

Entrelaçando-se desejo e falta deparamos com a motivação, se não, repuxo de sofrimento, o que analiticamente somos levados a sugestão de que está sempre fora do alcance. Essa ciranda de insatisfação refletidas nas palavras das cartas constata-se nas sombras e na busca do reconhecimento de si.

Distintamente, desejo e demanda em Lacan distanciam-se. Lacan (1962/2004) denomina a demanda como a necessidade de se vincular a aspectos mais sociais e concretos da vida, diferentemente disso o desejo ergue-se numa proposição pulsante e subjetiva. Por vezes sutil, contudo, de impacto nas cartas os sujeitos autoexterminado por vezes não expressam apenas a necessidade de ajuda, lamento, culpabilidade, grito silencioso, mas clamam por compreensão que está além do verbalizado.[2]

As cartas, como espaço de revelação, traduzem a falta que se manifesta em desespero. Por exemplo, quando Sabrina Bittencourt descreve a demanda de sair da instância pública e ir para a instância privada, isso parece esmagá-la, não apenas a solidão, mas o desejo profundo por conexão e compreensão não concretizado. O silêncio de Sabrina Bittencourt, assim como Kurt Cobain são mais que meros estados; são manifestações da falta que clama por algo.[3]

Na proposta analítica das cartas desta tese revela-nos o eixo do desejo de viver que se apresenta nas escritas perdido em meio a sociedade que apressadamente não ouve o silêncio do sofrimento.

O desejo lacaniano como potente lente para a análise das narrativas das cartas suicidas oferece clareza para a profundidade da dor emocional, do sofrimento e abre um convite a examinar a condição humana permeada pela identidade do sujeito (o fato de que “eu” sou “eu”) e apaga o fato de que ele resulta de uma identificação, como evidenciado por Orlandi (2005) que passa a pulsar como sujeito que como sujeito assujeitado deixa escapar o que diz, não dando-se conta do consciente daquilo que diz.

Em lugar de análise, o sujeito que lê, interpreta; o sujeito que escreve enuncia e reconhece-se um pouco mais. Nas cartas a exterioridade, o outro é a todo momento convidado a dar significação e aceitação ao grito angustiado de quem a escreve. Sujeitos autoexterminados cavam uma busca contínua pela compreensão e pertencimento, os quais não lhe são possíveis porque anterior a estes a falta e a incompletude lhe perpassam e pulsão morte é significativa para banir a dor emocional.

Nas quatro cartas analisadas, nesta tese, a sensação de esvaziamento, de não pertencimento, de lamentação, de culpabilidade, de justificativas e desculpas são sonoridades

de solidão sem voz, sorriso desfeito, das emoções vividas no obscurantismo. O sujeito esconde-se e nega-se à dor publicamente. A luta interna é travada em silêncio ensurdecedor.[4]

Conforme analisado, o imaginário e o real apresenta nas cartas contrapeso no que propõe autor/ escritor e o sujeito com a sua determinada formação ideológica, bem esmiuçado em Getúlio Vargas ao longo do seu testamento que designa enquanto sujeito discurso a organização e unidade desejada para o texto, à qual apresenta dispersão, a partir do momento em que a condição de produção de discurso é analisada, assim como a formação ideológica e os Aparelhos Ideológicos do Estado de propositura de Althusser em que se insere na esfera de poder.

Notamos que a superfície linguística não é fechada, de sujeito heterogêneo e multifacetado que fala do lugar onde se inscreve. Os sujeitos autores das cartas suicidas são interpelados em ideologia com certa representatividade do poder e que designa-se na condição da produção da carta e da tomada de atitude para o ato. . O que não pormenoriza a dor emocional, a angústia do sujeito psicanalítico, do nível do subconsciente que os fazem passar de autor a enunciador do discurso. Os sujeitos suicidas no lugar de autores das cartas produzem a escrita representando-se; são eles quem escrevem, é a primeira pessoa “eu”. Ao enunciarem, no discurso, criam e deixam perspectivas dos sentidos que produzem. É o efeito de sentido que a escrita produz. Nas cartas, o diálogo é estabelecido entre o eu e o outro, o anseio pela conexão, o desejo pela validação da incompletude que sentem estar totalmente fora de alcance.

No campo da memória discursiva, da polifonia na constituição da subjetividade do sujeito das cartas suicidas ao enunciar, narrar, escrever, produzir a carta, o objetivo é situar sempre a um já-dito que se constitui no Outro no discurso. Este Outro para o sujeito autoexterminado, pode ser o desejo de acolhimento do outro. Analiticamente a presença do Outro no discurso é a empatia para o sujeito suicida em memória discursiva fazer circular formulações anteriormente já formuladas, como a dor emocional que se sente.

Os sujeitos de cartas suicidas categorizam-se na condição de sujeito que entre demanda e desejo apresentam também na condição de contraditórios e incompletos.

Eis as lições que as cartas carregam e põem-nos aos desdobramentos analíticos. Na compreensão de como o desejo humano afeta o indivíduo, compelindo-o à margem da existência. O desejo negado, a incompletude, a falta criam no indivíduo uma forma destrutiva. Este mesmo indivíduo se coloca a vasculhar por aceitação e reconhecimento; nessa busca

constituem-se como sujeitos autoexterminados ou sujeitos suicidas ou sujeitos assujeitados na condição de suicidas.

Do ponto de vista lacaniano o sujeito é constituído por elementos que se intrincam com experiências e desejos. O desejo, não apenas como força de movências, mas o desejo na construção de identidade do sujeito em constante evolução. As cartas analisadas nesta tese revelam o ressentir sobre a identidade de cada indivíduo. Os discursos buscam identificação do eu parte ou do eu todo, no caso das instâncias públicas e privadas. O desejo de ver refletido no outro, na nação, na humanidade a validação daquilo que se propôs como ativismo testamento, justificativa, culpabilidade, lamentação. A demanda não correspondida contribuindo para a pulsão morte no ato suicida. Para além de ato trágico o suicídio para todas as cartas analisadas configura-se como tentativa de reconfigurar as relações disfuncionais. É a entrega do corpo para que se estabeleça e reconfigure a ordem das relações.

A construção da identidade do sujeito na sujeição do extermínio é caracterizada pelo sujeito da falta, da incompletude, do duo demanda/desejo não completados. Nesta (des)identificação, os sujeitos são levados à escrita das cartas suicidas. Fato é que os sujeitos que narram nas cartas são movidos pela incompletude, sem reconhecimento do seu verdadeiro “eu”, tornam-se sujeitos assujeitados à condição de autoextermínio pela ser falta asfixiante que se torna insuportável de pulsar em vida.

Quando se quebra a conexão entre o eu e o outro, quando surge a dor imensurável e a realidade deixa de ser permeada pelo desejo, temos a manifestação que é a escrita. É nessa simbologia do real imaginário que suicídio é repetidamente interpretado como ato final, como a saída para a dor emocional insuportável. Psicanaliticamente, desejo quando não articulado adequadamente se transforma em impulso que pode levar ao suicídio.

Tendenciosamente e de sociedade ocidental a análise da morte como fim é não dar vazão ao desejo ardente do sujeito que para além da falta de ser amado, ouvido, incompreendido, parecer ausente, alheio ao mundo busca desestabilizar o funcionamento das estruturas de poder para fazer-se ouvido e que mudanças potenciais na sociedade ocorram, podemos travar o embate como suicídio protesto, embora não localizamos nenhuma carta com essa nomenclatura, mas notamos no corpo do texto as vozes que protestam pela vida, mas pulsionam morte. Considerando que a noção de que o suicídio é um ato de vazio profundo, podemos validar que o discurso presente nas cartas é a espinha dorsal para o movimento do grito silencioso das narrativas. O desejo de ser ouvido, lido nas cartas ecoa nas entrelinhas nas movências que lhes são peculiares, aqui menciono Kurt Cobain que oscilante entre amor e ódio apresenta na carta a falha do discurso em sua dispersão. Os desejos insatisfeitos, na

invisibilidade do sujeito autoexterminado, são condenados ao silêncio da morte, contudo deixam validado a inquestionabilidade de suas cartas.

Há expressões nas narrativas das cartas de representação de desejos não lembrados, os quais parecem ocultar-se nas camadas de linguagem e emoção. “Eu sei, eu sinto, eu vi” de Sabrina Bittencourt; “Eu sou um bebê errático e triste!” de Kurt Cobain, quando os narradores escreveram os excertos acima, eles não estavam apenas afirmando o estado de desespero, estavam também enunciado um desejo frustrado de esperança, de vida, uma reverberação de um sonho que nunca foi realizado. É a tessitura de dor e anseio nos fragmentos de narrativas.[1] Nestes exemplos notamos o deslocamento freudiano quando há a transferência de sentimento de um objeto inicial para outro. Ambos sujeitos, Sabrina Bittencourt e Kurt Cobain, transferem a falta da demanda como objeto inicial, do não acontecimento eficaz do ativismo ou do roqueiro famoso para a condição do sujeito que um dia foram: na infância, nos casos mencionados. É o encontro do inconsciente com a realidade da dor humana.

Nas cartas suicidas, onde o sujeito suicida sem percepção pode apresentar sua frustração ou dor emocional em direção, rumo ao que lhe é mais seguro e menos ameaçado. Tudo isso nos entregaria uma linguagem repleta de simbolismo assim como traçou Getúlio Vargas: “Escolho esse meio de estar sempre convosco”.

O desejo não satisfeito dos sujeitos suicidas acomoda a composição da narrativa da carta condicionada à angústia psicanalítica. Nesse jogo simbólico é dada à voz ao aparentemente irreconhecível que são os sujeitos suicidas que se manifestam para o mundo, buscando o reconhecimento de si. É escrevendo que talvez entendam um pouco mais do sofrimento que os assolam, sobre a vida que levaram e os sonhos que foram ceifados.

Lugar do pensamento como reservado, intimista e intocável é o espaço essencialmente importante para a formulação do sujeito suicida, ao materializar em cartas suicidas passam a compor espaço onde o suicida busca lutar contra a realidade da insuportabilidade da dor. Ao papel do analista de discurso ao analisar as cartas tornamo-nos cúmplices dessa busca, da necessidade de expressão que atravessa os limites da existência: o poder da linguagem.

Como imagem de si no discurso, em reconhecimento de si, notamos as cartas como um ritual de busca pela verdade interna e, em última análise, da vida que poderia ser vivida senão apesar de toda dor do sombrio emaranhado.

Simbolicamente, a interpretação das cartas, à luz do pensamento freudiano, deparamos com compreensão dos desejos e das dores que os indivíduos enfrentam. As cartas podem ser identificadas como demanda não realizada, que falha em se concretizar, que é demonstrada na incompletude do sujeito que clama através da escrita. As cartas apresentam-se ser para os

sujeitos suicidas a revelação do desejo reprimido, do sujeito desejan­te por compreensão e conexão que mina em formulação de dor para/na escrita.

As narrativas das cartas dos sujeitos suicidas produzem sentidos mais densos e profundos de que o autor não pode ou não consegue acessá-los de forma totalmente consciente. É uma forma de trazer à superfície o que se encontra reservado no fundo do inconsciente.

Novamente, permito-me o capricho de que a leitura das cartas pelo viés psicanalítico pode ampliar a compreensão que pode ser reconhecimento de si, talvez em outro momento de estudo buscar a compreensão dos efeitos de sentidos para quem produz as cartas. Seria o diálogo para um corte significativo em novas pesquisas.

Na análise de cartas suicidas, lugar onde o poder da linguagem se entrelaça com dor emocional dos sujeitos mecanismos analíticos em busca de desvendar emoções ocultas até mesmo em palavras, que se faça ouvir nas entrelinhas. Levando-se em conta que transferência, refere-se à maneira como os sentimentos e as experiências passadas são projetadas nos outros, que se manifesta nas cartas suicidas quando o sujeito suicida escreve sobre um processo de perda, anulação, falta de paixão, não é apenas uma situação de descrição, contudo o pedido de reconhecimento e colhimento relacionado com experiências anteriores. É o dizer do sujeito às vésperas do ato suicida que se organiza de efeitos entre o interdiscurso para a determinação do intradiscurso. Lugar de escrita em que o sujeito suicida se fará presentificado nas cartas e lido, analisado pela sua memória discursiva. Por exemplo, expressões como: “E aos que pensam quem me derrotaram respondo com a minha vitória,” são expressões que encapsulam uma dor presentificada demonstrada na angústia psicanalítica refletindo a pulsão morte que culmina no ato suicida.

As cartas lamuriam sentimentos reprimidos que gemem por atenção. Cada palavra representa simbolicamente a transferência de experiências que do sujeito cindido, levando a buscar identificação em quem lê: o Outro psicanalítico.

Nos casos como Sabrina Bittencourt e Getúlio Vargas, a resistência apresenta-se como mecanismo de defesa. Ambos titubeiam em confrontar sentimentos que emergem de suas experiências, mostram-se ativos e com o exercício do dever ativista ou patriota cumprido. No jogo polissêmico a dualidade de resistência e aceitação da dor iminente, expressam desejo de dias melhores para o ativismo ou para a nação. Esta resistência é expressa na construção das cartas. Nos quatro casos analisados ao invés de validarem o desejo de morrer, apresenta como saída, como testamento, como denúncia ou justificando-se que “é melhor queimar de uma vez do que se apagar aos poucos”, seria como sair da vida para entrar para história ou ainda SIM e

FIM. Temos a tentativa inconsciente de proteger a própria vulnerabilidade, blindando a própria comunicação da escrita da carta suicida do sofrimento que eles, suicidas, sentem.

Analisar as narrativas das cartas suicidas à luz do proposto por Michel Pêcheux (1988) é convite para submergir na complexidade dos discursos da linguagem emocional. Para o autor a linguagem é uma construção social impregnada de ideologia.

Kurt Cobain profere: “Eu me sinto culpado por essas coisas”. “Eu tentei tudo ao meu alcance...”, “Sou muito sensível”, “Eu tenho uma deusa”, “Eu não posso suportar a ideia”, “Eu tive muito”, “Eu sou um bebê errático e triste”, “Eu não tenho mais a paixão”.

Em análise para além demonstração de dor emocional, Kurt fala de si como aquilo que ele pensa que é, aquilo que é cabível a sua percepção. Distantemente, isso é a distinção daquilo que o outro pensa que sou e, para mais adiante, aquilo que eu penso que os outros pensam sobre mim. A construção desse sujeito, que se dá da mesma maneira assim:

Sabrina Bittencourt declara: “Somos somente.”, “Eu fiz o que pude, até onde pude.”, “Não aguento mais”, “... mas eu sei no meu íntimo...”, “Eu sei, eu sinto, eu vi”.

Imbuída de ativismo e combate aos abusos sexuais e na condição de abusada, o sujeito Sabrina Bittencourt se posiciona do lugar conhecedor de todas as entranhas dos abusados e abusadores e do alto passa a manifestar assim como Kurt Cobain de seu autorretrato, detalhes de vivências e qualidades que sente necessidade de falar de si. O reconhecimento discursivo cabe ao outro enquanto análise de última instância.

Nesse mesmo segmento Getúlio Vargas demonstra o desejo da construção da imagem de si. O desejo era não deixar brechas para que o leitor não tivesse meios para dizer: ele é isto ou ele aquilo.

Flávio Migliaccio, não deixa espaços para questionamentos, ideologicamente construiu o que era e como deveria ser velho no país e não encontrando com a sua demanda, decide pelo ato. Mostra-se velho e com exaustão.

Os quatro sujeitos analisados constroem a imagem de si, como mecanismo de retórica para se fazer anunciar no centro de suas narrativas, coordenando os sentidos que desejam impor aos discursos no jogo figurativo do retrovisor que é sua constituição como sujeito e no espelho que é a imagem que cada sujeito faz de si.

Cartas anônimas certamente recorrem na mesma condição de produção de discurso, contudo, como é o suicídio ato velado por muitos familiares, nem sempre a comunicação de que o sujeito deseja que se realize ocorre, uma vez que as cartas não são reveladas. A invisibilidade do sujeito perpetua-se nestes casos que não são divulgados.

Novamente o papel da linguagem, do discurso e da analista permeiam as relações sociais na pertinência da elaboração da carta à sua análise que não se dará por acabada em análise cada carta, uma vez que são mitigadas em silêncio emocionais e na corrosão da vida que se esvaiu se não pelo pronunciamento da carta pela linguagem, mas pelo encorajamento possível através da carta.

Nesse mosaico complexo buscamos analisar as palavras que para além da dor emocional individual é tangenciada pela universalidade da experiência no que nos confere as esferas de poder, os aparelhos ideológicos de estado, as condições de produção do discurso e a formação discursiva de cada sujeito suicida. No irrompimento do silêncio, reside a luta individual que fora construída pelo coletivo social ideológico que nos impõe os aparelhos ideológicos que se torna público pela narrativa e novamente silencia-se com o suicídio: o acontecimento da sujeição na despedida; o sujeito assujeitado à condição de autoexterminado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é premissa inicial desta tese causar desconfortos ou impactos aos familiares ou àqueles que possibilitaram notoriedade ou não das cartas, mas sim a ampliação de concepções de dor emocional e formação do sujeito que permeia tais cartas, com intuito de ancorar com base na análise de discurso com viés psicanalítico o reconhecimento do sujeito que se entrega pela dor e pelo grito no silêncio. Temos a oportunidade de esperar e poder nos inspirar nas questões desconfortáveis que cercam a experiência do viver. Na fragilidade das cartas, que a dor emocional não sirva apenas como pano de fundo para a análise, mas como um convite à empatia para que a dor se transforme em experiência cunhada pela análise de discurso e assim, compartilhada, distante de ser um fardo e um fato isolado.

Cada carta suicida, cada relato de dor emocional aponta-nos como sinalizador na análise de discurso no anseio de dar voz à experiência de cada sujeito; passamos a atentar-nos à possibilidade da dor compartilhada, compreendida e, se não sanada, que seja acolhida. De natureza multifacetada, as cartas suicidas não são apenas dizer de desespero em dor, são manifestações de um sujeito discursivo ideologicamente perpassado e com efeitos de sentidos construídos na heterogeneidade discursiva.

Encontramos nas cartas a polifonia de uma formação discursiva atravessada pela história e pela memória. Independentemente da retórica, é intrínseco a todas as cartas analisada a urgência da comunicação, seja por denúncia, despedida ou testamento, ativismo, dentre outros.

A importância da linguagem que sobremaneira acode o sujeito interdiscursivo que precisa urgentemente apresentar discursos que o permeiam e que são entrecruzados e constitutivos à sua formação discursiva. O interdiscurso traz à tona para a nossa análise a possibilidade de reconhecimento do sujeito assujeitado à condição de vítima de autoextermínio.

O ato de escrever dos sujeitos suicidas aponta-nos para um rito de libertação. Em cada palavra o discurso latente do sujeito marcado por inscrições ideológicas, os quais são atravessados por discursos outros, os quais ora unem-se, ora distanciam-se constituindo a diferenciação e unicidade de cada discurso. Compreensão muito bem marcada por Kurt Cobain.

Como espectadores de suas vidas, os sujeitos transparecem a vulnerabilidade, levando o leitor de suas cartas a compreensão inicial tão somente do cenário de dor, desespero,

incompreensão e alusão aos possíveis culpados pelo ato do suicídio. No Caso de Sabrina Bittencourt a culpabilidade é transparente aos abusadores sexuais, Kurt Cobain perambula entre não conseguir mais, porém essa mais é vinculado a seus fãs, uma vez que a família é boa e a esposa é uma deusa e Getúlio Vargas, por sua vez à todos àqueles da nação brasileira que por algum momento foram contrários ao que ele determinava e o questionava. O pedido de desculpas permeia as cartas, entretanto a culpabilidade é apontada no inteiro da carta.

Na multiplicidade da vida, esta tese não encerra aspectos de natureza de saúde mental, busca a análise das cartas dos sujeitos suicidas que aqui cunhamos como autoexterminados pela natureza de análise que pudemos deparar na construção do sujeito que em condição de assujeitamento é vítima, por assim dizer, de suas condições de produção sócio-político-ideológico-religiosas que o perpassam e passam a fundar a sua formação discursiva, a qual do subconsciente o sujeito não consegue se desacorrentar.

Que cada última palavra seja o convite ao analista discursivo a fazer entender em análise ativa o apelo que o sujeito acometido pela dor emocional nos clama para que o mesmo não seja mera estatística. Que não recaia na opacidade numérica, mas que seja enunciado a importância que cada sujeito possui quando alcança a sua subjetividade na/da escrita e passa se não a dizer, enunciar, discursivizar para outros para também a tocar-se em reconhecimento de si, o que possivelmente pode ser condição encorajadora de autoextermínio.

Numa mudança de perspectiva para que a dor emocional, a angústia do sujeito nas narrativas das cartas suicidas não seja silenciada, mas acolhida. É um panorama que nos convoca a agir. Ao me permitir a discursivização sobre as cartas dos sujeitos suicidas faço a busca da construção de ambientes dispostos ao acolhimento da dor emocional a ser compreendida e debatida. No processo em que o analista se situa na instância de espectador, tomo posse da responsabilidade de dar voz aos sujeitos vítimas de autoextermínio.

Existencialmente, a dualidade vida e morte (as pulsões propostas por Freud) é um conceito profundo e persistente de experiência humana. Desde a origem há a consciência de que viver e morrer são aspectos que interligam-se, embora tomasse lugar de que a vida não é compreendida sem o outro, este outro é o que refere-se ao interdiscurso, o dialógico do homem.

Da condição de convívio social e a manifestação da língua, lugar material onde se realizam os efeitos de sentido e os processos discursivos que são fonte de produção dos efeitos de sentido no discurso, passaremos a ter o discurso o espaço em que emergem as significações, dada e uma formação discursiva que é o lugar da constituição do sentidos.

Ao analisarmos as cartas suicidas, é comum analisar nos relatos a luta entre o desejo de permanecer na vida e a necessidade causada pela dor emocional de se afastar dela. As narrativas revelam as batalhas internas que os sujeitos auto exterminados enfrentam. A tensão é o continuum das cartas e emergência discursiva para os suicidas curativos e libertadores. Tem-se aqui o propósito da escuta psicanalítica em análogo a escuta de si na escrita da carta; onde o sujeito busca alcançar o que lhe falta e acaba por deparar-se com a sua subjetividade do não-dito nunca, antes e que é necessário. Dizer é reconhecimento de si e do reconhecimento de que é urgente dizer para que a dor emocional, que a angústia psicanalítica sane o mais brevemente possível no ato suicida na pulsão de morte para a vida.

Nas cartas em análise e em tantas outras que tivemos a oportunidade de visitar em leitura as reflexões giram em torno dessa dualidade, os sujeitos encontram-se em ciclo de desejos contraditórios, com a busca da necessidade de conexão e a pressão da dor emocional causada pelo contexto social que parece-lhes insuportável, é o exercício do poder socialmente construído para padrões e normas sociais, contudo coexistem em constante desequilíbrio. As questões aqui mencionadas entre a tensão e o alívio da punição do corpo do suicídio são nuances que universaliza e aprofunda a gênese das cartas dos sujeitos suicidas.

Cada mensagem revela a fragmentação do subconsciente daquilo que o sujeito dá conta no discurso apressado, lugar onde os instintos se debatem no duelo preexistente da dualidade entre a vida e a morte.

No processo de análise das cartas e no entendimento do porquê de se continuar e para quem continuar, temos uma provocação explosiva para os leitores, os quais são chamados para a legitimidade dos sentimentos narrados. No agitar-se entre o desejo e as justificativas, entre permanecer ou partir, pomo-nos a sentir, ler, pautar-mo-nos na crueza da condição humana. Não há mais tempo para rever o pré-construído postulado por Pêcheux (1988), na qual a remissão é uma construção anterior ou exterior; o que cada um sabe, o que cada um pode saber, o que cada um pode ver, o que pode ser dito (Courtine, 1981). Na carta suicida a interpelação ideológica que não só fornece, mas impõe à realidade. O pré-construído do sujeito é a representação do corpo morto representando a realidade que é assimilada pelo enunciador no processo de seu assujeitamento como sujeito autoexterminado.

As cartas deixadas são desafiadoras para a compreensão da luta entre as vozes internas que habitam a mente das pessoas que consideram o suicídio como a melhor saída ou a maneira de findar a dor emocional sentida.

Ainda sobre a escrita final das cartas, sabemos que na teoria não-objetiva da enunciação, a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos quando do mais intimista de sua

consciência realizam opções morais, não há ideologia se não pelo sujeito e para o sujeito e que as palavras mudam de sentidos de segundo as posições sustentadas por aqueles que a empregam, as palavras tomam seu sentido em referência a estas posições, em referências às formações ideológicas nas quais os sujeitos se inscrevem: atentemo-nos para o sujeito da narrativa da carta suicida que não deixa vão para as movências discursivas que pode designar ou isto ou aquilo que o mesmo deseja dizer: está dito! Está posto! Flávio Migliaccio assertivamente diz o que pensa, sente, lamenta a velhice e no sentido de desculpar-se com todos pede a nação o cuidado com as crianças, porque entende que a velhice é o caos.

Getúlio Vargas, por exemplo, ocupante de uma determinada formação ideológica que o determinada na sua história particular em um lugar especificamente “seu”, sua “forma-sujeito”, passa pela formação ideológica do Estado, sendo afetado pela ideologia e presunçosamente deixa a nação uma carta testamento. Não desgarrando-se das diferentes posições de sujeito que receberam sua carta testamento. Pêcheux (1988) postula que o sentido-produzido historicamente pelo uso discurso-efeito de sentido entre locutores em diferentes perspectivas, sendo que o sentido da palavra se constitui em cada formação discursiva no ir e vir do apego à vida e sedução à morte.

Na dualidade exposta nas cartas para além da demonstração da dor emocional, da lamentação, da culpabilidade há, como já dito, a tentativa de estabelecimento de laço com o seio social, que como postula Orlandi (2002) é o movimento de sentido silencioso clamando por ajuda. Nesse ínterim, o sujeito utiliza-se da linguagem para externalizar a dor emocional no discurso interrompido, no solilóquio revelando a urgência em se expressar e apressar-se. Posto a emergência dos discursos nas cartas.

Na leitura da carta o leitor é instado a conhecer a dor do outro como extensão da humanidade. Na leitura da escrita suicida depara-se com a angústia e com a oportunidade de diálogo com as cartas e com a necessidade urgente do seio social de rever tais acontecimentos.

As cartas são também, um convite à sociedade para a abertura de diálogo sobre a temática suicídio. Dar voz às lutas internas permeadas de dores emocionais entre a dualidade humana de viver e morrer numa realidade multifacetada que é vivida cotidianamente por muitos. Ouso fazer menção de que a carta é a força renovadora, onde a vida e a morte são testemunho de resiliência humana: é o sujeito autoexterminado pela sociedade. A sujeição que o poder impõem sobre o sujeito assujeitado ao sistema.

Na condição de leitora das cartas do sujeito suicida, “ser leitora”, distantemente de mera espectadora do emaranhado de vozes, não sinto-me convidada a silenciar-me, mas

buscar a construção de um espaço que se não, seguro, que seja permeado de cuidado para com as vozes silenciadas dos sujeitos suicidas. Só assim será possível a conexão de expressão de dor emocional e a esperança da vida.

E sem muita pretensão seria, é, proposta mínima dessa escritura o entendimento de meios, mecanismos que favoreçam a consciência pública do comportamento suicida, através do descortinar do discurso das narrativas do sujeito suicida.

No pedido final daquele que entrega a vida a si ou a dor no sentido da angústia psicanalítica do ser humano, a análise do suicídio é relevante, não delongando sobre os aspectos cristãos, religiosos, mas por tão somente pelo ato da vida, o que nos leva a rever dados que ditam 700 mil pessoas mundialmente e a cada 45 minutos um suicídio no Brasil.

Aponto a dificuldade de registro dos dados, uma vez que, em razão do sofrimento, do luto ou da negativa do que se passou na morte suicida, a maioria das pessoas não desejam falar, pensar ou lembrar que existiu tal ocorrência no núcleo familiar, o que Freud postulará como estranho-familiar (1919/1996, p. 238-239).

[...] o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar. [...] nem tudo o que é novo e não familiar é assustador; a relação não pode ser invertida. Só podemos dizer que aquilo que é novo pode tornar-se facilmente assustador e estranho; algumas novidades são assustadoras, mas de modo algum todas elas. Algo tem de ser acrescentado ao que é novo e não familiar, para torná-lo estranho.

O que nos leva ao entendimento de que o alheamento, a negativa, a possível descaso ocorre-se por medo de olhar, encarar o gesto suicida, Nietzsche (2005) corrobora com a possibilidade de que encará-lo frontalmente, o suicídio, pode permitir que ele olhe de volta o sujeito quem o encara.

Em referência a angústia do sujeito, ainda registramos que se remonta na posição freudo-lacaniana, uma reação à perda, à separação de um objeto fortemente investido, o que para Lacan (2009), instala a ordem do imaginário, visto que a angústia é considerada como um sinal do real que invade a ordem imaginária do eu.

“É necessário falar de suicídio?” Não obstante essa é a pergunta também da pesquisadora. Resposta silenciosa e silenciada a sociedade nos reservará. Aqui trata-se dos dispositivos do movimento de sentidos propostos por Orlandi (2002) na obra “As formas do silêncio”, compreende-se o estágio contagioso de falar-se em suicídio, a partir disso, a necessidade de encerrar-se no fim do corpo.

Tarefa discursivista é a análise cuidadosa e minuciosa da autoria do corpo, autoria esta que demonstre o sujeito desejante e o grito social que o mesmo sujeito aplicava em dispositivo confessional ao escrever a carta ao seio social ou a si.

Fim não seria mais o corpo em decúbito dorsal e sem sinais vitais, fim seria o que esse sujeito permeado por discurso outros, coerentemente a Formação Discursiva do sujeito, anseia socialmente e, ainda, o que o mesmo sujeito faz por si quando da escrita da narrativa final.

Pretensiosamente, apontamos que a escrita final, assim como a escuta de terapia de viés lacaniano, poderia ser a escrita que liberta o sujeito de si e que no acontecimento do suicídio encontra-se e assim é capaz de escrever para antes do seu fim.

Deparamos com a língua que permeia o corpo do indivíduo e que pela linguagem o presentifica, mesmo quando a voz se cala, o corpo fala na escrita que desejou e enunciou o sujeito suicida. Este desejo que é notabilizado pelo sujeito suicida na escrita das cartas para àqueles que passariam a ser dono do corpo (eis uma questão legalista) –a permissão de ler as cartas, publicizar as cartas, será meio ouvir, de escutar o clamor que existe por trás do ato suicida, quando a sua voz será ouvida e seu sofrimento acolhido em recolhimento do corpo.

É pressuposto que a pessoa que pensa no ato suicida como alívio de sofrimento suporta a dor até o dia em que seu ato torne-se real. Remonta-se ao paradoxo da memória do corpo daqueles que foram presentificado em narrativas e a lembrança daqueles que ficaram. A memória que lhe é constitutiva, a memória do corpo, que nos trará o corpo autoexterminado é o interesse desse estudo no corpo memorificado e presentificado em cartas: o discurso final do sujeito que pelo assujeitamento que deixa o legado em memória discursiva em letras.

Aos não notabilizados, noticiados, não discursivizados nos corpos de cartas reiteramos o tabu familiar, coletivo em não expor o acometimento da morte. Como o código penal não apresenta nenhum nível de punição ou culpabilidade ao corpo do suicida, as evidências não se fazem obrigatórias de serem divulgadas.

Em sociedade Ocidental Cristã Contemporânea presente, morte, por si é um tabu, pouco discutido nas escolas, nas conversas, no trabalho ou no hospital, sendo relacionado a separação, solidão, perda, ausência. Com isso tanto social, quanto individualmente busca-se uma forma de negá-la que seria esquivar-se dela: isso é menos aterrorizante.

Não obstante, o suicídio traça-se caminho mais nebuloso, já que é contrário à vida e para além da morte, a morte que o sujeito causou-se no ato de suicídio. Nesse contexto, ainda a vulnerabilidade humana das pessoas conviventes do suicida por não ter podido, conseguido refrear o processo para que não se tornasse o suicídio: o momento real.

Segundo Cassorla (1991) ainda que se faça um pedido final, alguns envolvidos, divulgam a carta e em forma de protesto denunciam que não se saberá o que se passou que a família reserva o silêncio, como no caso de Sabrina Bittencourt que discursiviza: “Aos meus amigos, amadas e amantes, nos encontraremos um dia! Sintam meu amor incondicional através do tempo e do espaço. SIM e FIM”

À guisa de considerações finais, não poderíamos deixar de enfatizar que a heterogeneidade dos sujeitos discursivos, são vozes que expõem seus pontos de vista de uma mesma realidade de autoextermínio, em que perpassam a pulsão pela vida na morte e a pulsão de morte.

Nas cartas analisadas, o símbolo do gozo e da morte estão presentes. Os sujeitos suicidas expressam por meio da linguagem escrita aquilo que ficou recalcado, visto que a escrita é um processo que ocorre entre o real e o simbólico, e provoca o gozo.

A linguagem está diretamente relacionada ao inconsciente, segundo o que preconiza Lacan o inconsciente é estruturado enquanto linguagem. Desta feita, as cartas é um ambiente que possibilita ao inconsciente se manifestar, cabe a Psicanálise reconhecer essa manifestação do inconsciente, assim como cabe a análise de discurso a validação das regularidades mostradas e constituídas.

A análise das cartas dos sujeitos suicidas, isto é, a materialidade de análise, o *corpus* da análise proposta da tese cumpre-se na teoria de Análise de discurso mobilizada que apenas “deu conta”, desvelou as características primordiais para a compreensão da construção do sujeito suicida entre o desejo e a angústia.

A angústia escapa do jogo discursivo e apresentou-se nas cartas como em defesa do Eu, sujeito autor das cartas suicidas frente aos perigos das pulsões de morte e vida. Distantes de deixar o sujeito das cartas suicidas em paralisia, a angústia os levavam a pulsar em vida contribuindo para a escrita das cartas, que mostraram-se, em todos os casos analisados, como encaminhamento para a pulsão morte, para o ato do suicídio que se dá após as escritas das cartas. Assim, a morte, para os autores da carta, é o meio de livrar-se das angústias e inquietudes, podemos dizer que a carta é o caminho do sujeito angustiado que pulsou morte para a busca da vida sem angústia. Cessa-se o sofrimento – ao menos é o esperado.

As sensações inquietantes do ser humano, desde sempre, podemos indicar: desde a ruptura do nascimento, às atividades cotidianas, ao profissionalismo, ao envelhecimento, ao desejo frustrado, às condições de poder impostas pelas sociedade para a normalização, à própria condição de ser humano na sociedade são sensações que, fundadas pelo sujeito desejante, levam à angústia.

Por momentos iniciais das análises entendemos a angústia como mecanismo de proteção do sujeito, já que é por meio dela que se pode e se leva a pulsar vida, protegendo o sujeito de condições de perigo.

Produzindo efeito individual e peculiar de cada sujeito da carta suicida no discurso das cartas, que é também o discurso da angústia, de onde o sujeito desvela seus sentimentos, dentre eles, as marcas de afeto. Consideremos: afeto terminologia em alemão: angst (dos estudos freudianos) que, em língua portuguesa, apresenta tradução literal: medo, temor, angústia.

São as cartas a tentativa demonstrar que, mesmo que o Eu – sujeito discursivo, testado em angústias de nascimento, de castração, de nascimento, de desmame, da relação maternal ou paternal, do convívio na idade escolar, dos relacionamentos, da condição profissional, do regime político do país – busque proteger-se com a angústia psicanalítica, enquanto sinal de alerta para a sua condição existencial, na sua maximização, o indivíduo não se irrompe, encontrando como a única saída (ou a viável) a morte.

O sujeito angustiado apresenta esse estado por existir afeto; é o estado afetivo de suas relações que causa o desconforto e a polarização da angústia. Tratamos de sentimentos que elevam a pulsão morte. Distanciar-se disso, seria possível somente em casos em que o indivíduo afetado pela angústia, em seu desenvolvimento humano, conseguisse substituir o afeto angústia por outros afetos.

Com as marcas afetivas das cartas entrecruzando com as pulsões morte/vida, a angústia é sinal de dor, condição de estado do sujeito para proteger-se ou buscar meios para eliminar a dor do sujeito angustiado, que não deixa de ser protetivo. O que se dá na ocorrência do ato do suicídio, em determinados casos, como os casos do *corpus*, é que, para o Eu, a angústia é a presença de sentimentos que deveriam ser para sua proteção.

A subjetividade do sujeito suicida torna cada carta única e com a impossibilidade de repetição, a carta é a verdade subjetiva com que cada sujeito-autor enxerga e se comunica com o mundo pela/na linguagem ao longo de sua existência. Como existencial e de referência à condição humana, a angústia é coesão com o humano. Alguns podem até burlar, esconder, ignorar, tentar um disfarce, talvez, mas a angústia é intrínseca à condição humana, a batalha travada é a intensidade de sua manifestação.

Ao analisarmos as cartas enquanto gênero discursivo, observamos que o efeito que a leitura da carta do sujeito suicida pode causar ao leitor é a morte: a angústia pode ocorrer/ocorre ciclicamente. O poder social não consegue normalizar, estabilizar a situação da

vida socialmente, o que remonta à pulsão vida-morte e que em desequilíbrio, inclina-se para o ato do suicídio.

Com isso podemos asseverar que a angústia é intrínseca à condição humana. Levando-se em conta que a manifestação angustiante em cada indivíduo tem diferentes reflexos, retomemos os casos em que os autoexerminados pela angústia são sujeitos assujeitados à condição do ato do suicídio, uma vez angustiados por não estarem em acordo aos padrões, condições, solicitações propostas. É o desejo do sujeito que, sem correspondência, eleva a condição de angustiado. O desamparo social na estrutura posta em que o sujeito deveria conviver com a inexistência do gozo.

A descontinuidade da desestabilização do sujeito é oriunda daquilo que é proposto pelo poder das instâncias sociais que vão desde questões pertinentes à infância, a abusos, à infelicidade em viver, à negativa da condição de conviver até à não-aceitação da velhice.

Atentemo-nos que a angústia é oriunda no *corpus* da materialidade linguística escrita nas cartas dos sujeitos suicidas em diferentes idades, status, profissão e atividades sociais. A desestabilização do sujeito é em comparativo com o desejo de convivência em sociedade, de onde partem suas lamentações.

O poder social atrela-se à condição de viver socialmente, no exercício do poder de normalização determinado. Tentar romper essas esferas de poder, ou não conseguir se encaixar ao que é determinado, é agente causador de angústia em maior ou menor grau. A falta do gozo para a vida manifesta-se em angústia do sujeito desejanste. O sujeito da angústia psicanalítica presente nas cartas suicidas oscila entre o que é posto, o que deseja e o futuro.

A primeira condição do sujeito suicida é a liberdade em si e a condição de escolha: o desejo de que a sua condição existencial estivesse alinhado à condição de normalização no contexto sócio-político-ideológico. Para o sujeito suicida, a verdade fundamentada nele é a que precisa do outro para a sua configuração existencial, para que a angústia não remete à pulsão ao ato suicida. Registramos aqui a angústia como aquecimento, que para não ter superaquecimento precisa de liberdade no equipamento, sendo a manutenção da liberdade as relações sociais coerentemente de seu ponto de vista, do sujeito angustiado.

Nesse encaminhamento de análises, a angústia, a lamentação, a exaustão, a falta de neutralidade no exercício do poder governamental, o egoísmo, o jogo simbólico, a presença do aparelho ideológico do estado, a busca pela validade discursiva, o desejo são localizados a partir dos atos falhos, lapsos de linguagem que nos oferecem o *corpus* de análise.

Tendo a angústia como afeto e a necessidade do outro para a sua existência, levando em conta que o desejo do sujeito suicida faz emergir a angústia, somos mobilizados a

pensar o grande Outro, em que a subjetividade do sujeito assujeitado à condição de autoextermínio não se dá no campo do inconsciente em que o sujeito não reconhece a falta que funda o sujeito desejante e inserido na incompletude.

Embora o aprofundamento acerca da presença do Outro não seja o escopo principal da presente pesquisa, não se pode olvidar da presença deste que é o lugar dos significantes que consiste em representar um sujeito para outro significante.

O sujeito suicida localiza o afeto angustiante do desejo do Outro; esta ocorrência reverbera quando o sujeito suicida não é capaz de acessar que imagem, objeto, ele é para o desejo do Outro. Inconsciente de sua funcionalidade social e do âmbito de seus desejos, opta por cessar o que não foi capaz de tornar palpável ou compreensível na condição do seu Eu: a vida.

Para as fantasias de cada sujeito suicida das cartas analisadas, se o esperado para a vida ou futuro acessa para lá do desejos, que sejam desejos de fantasias, estas são interligadas ao indivíduo pelo Outro, daquele que é inacessível, inatingível, do campo do imaginário, podendo aparecer no lugar da falta que, por sua vez, é a mobilidade da angústia. Se pela perda do objeto ou pela ausência de objetos, temos os dois acontecimentos nas cartas, a angústia se instala. Na fissura do sujeito suicida, entre o gozo e o desejo, a angústia é o entrecruzamento, aquilo que atravessa a estabilização que se poderia ter o sujeito suicida entre o desejo e o gozo.

Os sujeitos suicidas das cartas analisadas, sujeitos desejantes movidos pela falta, a qual é constitutiva da vida, em busca de movências, não localizam, às vésperas de sua morte, objetos que possam substituir a insatisfação e o prazer para o evento da vida. O repuxo de incompletude leva-os a pulsar morte, esvaecimento. Diferentemente a isso seria se o sujeito conseguisse sobreviver ao decreto freudiano de além do princípio do prazer, que seria o mesmo que sobreviver à angústia.

Aos sujeitos suicidas, o percurso é a angústia do real, afeto que demonstra momento e ato de certeza. O sujeito suicida tomado pelo inconsciente, sem saber que sabe, recorre a um acontecimento real que ato do suicídio; não estando mais amparado pela fantasia ou imaginário na construção do Outro. Morre-se o homem, é o fim da subjetividade.

A mostragem de afetos das cartas sejam para despedir, para desculpar-se ou para proteção dos demais é condição do Eu, sujeito discursivo das cartas no ato do suicídio em aplicar culpa a si por não ter conseguido ou a outro: aí a importância do convívio social.

Corroborar com a angústia a culpa, peculiaridade do mundo ocidental e cristão, o indivíduo ou aplica-se por arrependimento ou confissão. O sentimento de culpa está interligado ao mal-estar de onde emerge a angústia.

Levando-se em conta que a culpa atrela-se à questão cultural, libertar-se da culpa seria, então, para o sujeito suicida, uma questão de autoconhecimento. Para a psicanálise, o sentimento culpa surge quando o indivíduo responsabiliza-se por algo que entende como errado ou prejudicial.

O peso emocional do sujeito em análise nas cartas é referendado no pedido de desculpas direta ou indiretamente por suas ações ou omissões; sendo o ato a ação final de que ele entende requerer um pedido de desculpas mesmo justificando não conseguir mais. A ação de culpabilidade confere o poder do aparelho ideológico do estado em que a morte não é de autoridade do próprio corpo. O suicídio é apenado pela morte, contudo não é pela normatização do poder exercido pelo Estado; não deliberativo ao homem dono da vida.

Enquanto estruturante do sujeito assujeitado desejante que tem origem nas proibições sociais, a culpa do sujeito suicida das cartas, constroi-se em motivo concreto do ato, estando relacionada à falta que os sujeitos nos revelaram ter.

Nas cartas dos sujeitos suicidas, a validação do discurso como discurso de verdade se materializa no ato do suicídio em que o sujeito registra com sua morte o nascimento da escrita que elabora para seu fim.

A carta é elaborada pelo suicida com o desejo de dizer algo, sendo que o postulado implícito será de decifração do outro. Os discursos das cartas transbordam a si e revelam aspectos, talvez, não esperados ou pretendidos, uma vez que o sujeito discursivo assujeitado e seu inconsciente é constituído por fatores significantes dos quais não se tem controle, permitindo ao analista as análises das falhas e lapsos. Nesse ínterim, a verdade emerge na validação do discurso do suicida. Valendo-se da escrita, o sujeito libera-se para o ato, podendo reconhecer um pouco mais de si e permitindo o conhecimento de outros sobre o ser angustiado que deixa a vida.

A escrita das cartas do indivíduo que passará a sujeito discursivo das cartas suicidas permite a relação consigo mesmo, entrar em contato com a sua subjetividade. Não se pode afirmar que o sujeito suicida torna-se hermeneuta de si mesmo, porque é a escrita derradeira, mas acentuamos o tocante de que o sujeito se reconhece um pouco mais e torna-se suicida, por razões tantas e diferentes, sendo o suicídio de caráter multifacetado.

Remontando ao pensamento socrático de que a escrita é simultaneamente remédio e veneno, para os sujeitos suicidas, a escrita é remédio libertador da angústia psicanalítica do

Eu, paralelamente é veneno que leva à pulsão morte. Ainda a escrita seria o remédio que memorifica para a perpetuação, morre-se o homem, fica a história em memória, a característica da imortalidade; contudo na análise e na busca de desvelar o discurso, os lapsos emergem e denotam a constituição do sujeito do ato.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1985.
- ALVES, R. **O quarto do mistério**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2000.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.
- BAUM, A (Org.). **Vargas, agosto de 54: a História contada pelas ondas do rádio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Organização de Ângela Paiva Dionísio e Judith C. Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005.
- CASSORLA, R. M. S. **Do Suicídio: estudos brasileiros**. Campinas: Papirus, 1991.
- COURTINE, J-J.; MARANDIM, J-M. “Quel objet pour l’analyse du discours?”. **Materialités discursives**. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981.
- DURKHEIM, E. **O Suicídio**. São Paulo: Estudo de Sociologia (Obra originalmente publicada em 1897), 2000.
- ECKERT-HOFF, B. **Escritura de si e identidade: o sujeito-professor em formação**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- FOUCAULT, M. Aula de 22 de janeiro de 1975. In: FOUCAULT, M. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 43-58.
- FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 3ª ed., 2003.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo: Graal, 2005.
- FOUCAULT, M. **Uma estética da existência**. In: MOTA, Manoel Barros da (Org.). **Ditos e escritos**. v. V. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 288-293 2004.
- FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- FREUD, S. **O mal-estar na cultura**. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- FREUD, S. Psicopatologia da vida cotidiana. In: Freud, S. **Volume VI. Obras Completas**. Brasil: Imago (Obra originalmente publicada em 1901), 2006.
- FREUD, S. Totem e Tabu. In: Freud, S. **Volume XIII. Obras Completas**. Brasil: Imago. (Obra originalmente publicada em 1913-1914), 2006.

FREUD, S. Luta e Melancolia. In: Freud, S. **Volume XIV**. Obras Completas. Brasil: Imago. (Obra originalmente publicada em 1917), 2006.

FREUD, S. O Ego e o Id. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 11-83. (Obra originalmente publicada em 1923), 1990.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: Freud, S. **Volume XXI**. Obras Completas. Brasil: Imago. (Obra originalmente publicada em 1929), 2006.

FREUD, Sigmund; FREUD, Anna (colab.). **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976. 18 v.

FREUD, S. Psicopatologia da vida cotidiana. In: Freud, S. **Volume VI**. Obras Completas. Brasil: Imago (Obra originalmente publicada em 1901), 2006.

FREUD, S. Totem e Tabu. In: Freud, S. **Volume XIII**. Obras Completas. Brasil: Imago. (Obra originalmente publicada em 1913-1914), 2006.

FREUD, S. Luta e Melancolia. In: Freud, S. **Volume XIV**. Obras Completas. Brasil: Imago. (Obra originalmente publicada em 1917), 2006.

FREUD, S. **O Ego e o Id**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 11-83. (Obra originalmente publicada em 1923) 1990.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: Freud, S. **Volume XXI**. Obras Completas. Brasil: Imago. (Obra originalmente publicada em 1929), 2006.

FREUD, S. (1933). **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v.22. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GONÇALVES, D.S. **O sentimento de culpa em Freud**: entre a angústia e o desejo. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 278-291, jan. 2019.

JONES, E. **A vida e obra de Sigmund Freud**. Tradução de Júlio C. Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

JUSTUS, D. **O suicídio nosso de cada dia... Estados Gerais da Psicanálise**: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro: 2003.

LACAN, J. **A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud**. Brasil: Jorge Zahar. (Obra originalmente publicada em 1957), 1998.

LACAN, J. **O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada**. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 197-213, 1998.

LACAN, J. **O Seminário, livro 10**: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1962-1963), 2004.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. 3ª ed. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus Editora, 2008.

LOPES-ROSSI, M. A. G. **O desenvolvimento de habilidades de leitura e de produção de textos a partir de gêneros discursivos**. In: LOPES-ROSSI, Maria A. G. (Org.). *Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de texto*. Taubaté: Cabral, p. 19-40, 2002.

LOPES-ROSSI, M. A. G. **PROCEDIMENTOS PARA ESTUDO DE GÊNEROS DISCURSIVOS DA ESCRITA**. *Intercâmbio*, 15. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3680>. 2010.

LOPES-ROSSI, M. A. G. Níveis de conhecimento necessários ao domínio da escrita formal. **Revista Ciências Humanas**. Taubaté, v. 9, n.1, p.61-17, 2003.

LOPES-ROSSI, M. A. G. **Aspectos teóricos e sequências didáticas para a produção escrita de gêneros discursivos**. *LETRAS & LETRA* (<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras>) v. 31, n. 3 (jul./dez. 2015) - ISSN 1981-5239

MACEDO, M. M. K.; Werlang, B. S. W. G. Trauma, dor e ato: o olhar da psicanálise sobre uma tentativa de suicídio. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica** v. 10 n.1, p. 86-106, 2007.

MARCUSE, H. **Eros e civilização**. Álvaro Cabral (Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. In: A. P. DIONÍSIO; A. R. MACHADO; M. A. BEZERRA (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. 2002.

MARCUSCHI, L. A. Apresentação. In: BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

MARX, K. **Sobre o Suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9500>. Acesso em 28 mar. 2023.

NIETZSCHE, F. **Para além de bem e mal**. 2ª ed. Tradução: Oswaldo Giacoia Junior. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2002.

ORESTANO, F. **Pensieri. Um libro per tutti**. Italy: Edizioni Optima, 1913.

ORLANDI, E. P. **As formas do Silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 8ª ed. São Paulo: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. 9ª ed. São Paulo: Cortez editora, 2012.

PÊCHEUX, M. **O Discurso**: Estrutura ou Acontecimento. Campinas: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, M. **Papel da Memória**. In: PÊCHEUX, M. Pierre Achard et al. Tradução: José Horta Nunes. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PERES, U. T. (Org.) **Culpa**. São Paulo: Escuta, 2001.

PAIM FILHO, I. A. Freud, o escritor de cartas: da comunicação virtual à virtualidade a comunicação. **Rev. CEPdePA**, v. 25, 2018, p. 157-165. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/03/1053547/11-freud-o-escritor-de-cartas-da-comunicacao-virtual-a-virtual_7S7uSgb.pdf. Acesso em: 21 ago. 2023.

RINALDI, D. **Culpa e angústia**: algumas notas sobre a obra de Freud. Intersecção psicanalítica do Brasil, 2001. Disponível em: http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/int-biblioteca/DRinaldi/Doris_Rinaldi_Culpa_e_Angustia_%20notas_obra_Freud.pdf. Acesso em: 15 maio 2023.

RODRIGUÉ, E. **Sigmund Freud**: o século da psicanálise, 1895-1995. São Paulo: Escuta, 1995.

RODRIGUES, J.C. **Tabu da Morte**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006.

SZASZ, T. **Libertad fatal – Ética y política del suicidio**. Buenos Aires: Paidós, 2002.

UYENO, E. Y. **O autor da escrita e o autor da escrita: o embate inevitável**. 2008. Disponível em: <http://www.dle.uem.br/jied/pdf/O%20AUTOR%20DA%20ESCRITA%20uyeno.pdf>. Consulta em: 15 ago. 2023.

UYENO, Elzira Yoko. **Jogos Imaginários**: uma análise de cursos de atualização do professor de LE. São Paulo, 2006.

PÁGINAS CONSULTADAS

DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em:
<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/suic%C3%ADdio/>. Acesso em: 25 jun. 2023.

INSTITUTO VITA ALERE DE PREVENÇÃO E POSVENÇÃO DO SUICÍDIO. Disponível em:
https://sapl.perdoes.mg.leg.br/media/sapl/public/materialegislativa/2019/78/pl-14-2019_-_prevencao_ao_suicidio.pdf. Acesso em: 29 mar. 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Disponível em:
<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/anualmente-mais-de-700-mil-pessoas-cometem-suicidio-segundo-oms>. Acesso em: 29 mar. 2023.

REDE GLOBO. Disponível em:
http://redeglobo.globo.com/TVGlobo/Comunicacao/Institucional/SiteFolder/tvg/g_globo_brasil/0,,0,00.html. Acesso em: 13 jun. 2024.

SETEMBRO AMARELO. Disponível em: www.setembroamarelo.org.br. Acesso em: 13 jun. 2024.

MORRE Sabrina Bittencourt, mulher que ajudou a desmascarar João de Deus, dizem ativistas. Disponível em:
<https://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2019/02/sabrina-bittencourt-mulher-que-ajudou-desmascarar-joao-de-deus-comete-suicidio.html>.

VARGAS, G. **Carta Testamento**. Disponível em:
<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/getulio-vargas/carta-testamento-de-getulio-vargas#:~:text=Tenho%20lutado%20m%C3%AAs%20a%20m%C3%AAs,a%20n%C3%A3o%20ser%20meu%20sangue>. Acesso em: 29 mar. 2023.

ANEXO A — DESPEDIDA DE KURT COBAIN

Veja abaixo, em tradução livre, a íntegra da carta de despedida de Kurt Cobain:

Falo como um simplório homem com experiência que obviamente preferia ser uma criança castrada e reclamona. Este bilhete deve ser bastante fácil de entender. Todas as advertências das aulas de Introdução ao Punk Rock ao longo dos anos, desde minha apresentação à, digamos, ética envolvida na independência e o acolhimento de sua comunidade, se provaram verdadeiras. Eu não tenho sentido a excitação de ouvir, bem como criar música, juntamente com a leitura e a escrita, faz muitos anos. Eu me sinto culpado por essas coisas além do que posso expressar em palavras. Por exemplo, quando estamos atrás do palco e as luzes se apagam, e o ruído ensandecido da multidão começa, isso não me afeta do jeito que afetava Freddie Mercury, que parecia amar, se deliciar com o amor e adoração da multidão, que é algo que eu admiro e invejo totalmente. A verdade é que não consigo enganar vocês, nenhum de vocês. Simplesmente não é justo nem com vocês nem comigo. O pior crime que posso imaginar seria enganar as pessoas sendo falso e fingindo como se eu estivesse me divertindo 100%. Às vezes eu sinto como se eu tivesse que bater o cartão de ponto antes de subir ao palco. Eu tentei tudo ao meu alcance para gostar disso (e eu tento, por Deus, acreditem em mim, eu tento, mas não é o suficiente). Eu gosto do fato que eu e nós atingimos e divertimos um monte de gente. Devo ser um daqueles narcisistas que só dão valor às coisas quando elas se vão. Sou muito sensível. Preciso ficar um pouco dormente para ter de volta o entusiasmo que eu tinha quando criança. Nas nossas últimas três turnês, eu tive um apreço muito maior por todas as pessoas que conheci pessoalmente e pelos fãs de nossa música, mas eu ainda não consigo superar a frustração, a culpa e a empatia que eu tenho por todos. Existem coisas boas dentro de todos nós. Eu acho que simplesmente amo demais as pessoas e isso me deixa muito triste. O pequeno, sensível, insatisfeito, pisciano, Jesus triste. “E por que você simplesmente não aproveita?” Eu não sei. Eu tenho uma deusa como esposa que transpira ambição e empatia e uma filha que me lembra demais como eu costumava ser, cheia de amor e alegria, beijando cada pessoa que ela encontra porque todos são bons e ninguém a fará mal nenhum. E isso me apavora ao ponto de eu mal conseguir funcionar. Eu não posso suportar a ideia de Frances se tornar um triste, autodestrutivo, e mortal roqueiro, como eu virei. Eu tive muito, muito mesmo, e eu sou grato por isso, mas desde os sete anos, passei a ter ódio de todos os humanos em geral. Apenas porque parece tão fácil para as pessoas que tem empatia se darem bem. Apenas porque eu amo e lamento demais pelas pessoas, eu acho. Obrigado do fundo do meu ardente e nauseado estômago por suas cartas e preocupação nestes últimos anos. Eu sou um bebê errático e triste! Eu não tenho mais a paixão, e por isso lembre-se, é melhor queimar de vez do que se apagar aos poucos. Paz, amor, empatia. Kurt Cobain.

ANEXO B — CARTA TESTAMENTO DE GETÚLIO VARGAS

Mais uma vez as forças e os interesses contra o povo coordenaram-se e novamente se desencadeiam sobre mim. Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam, e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes.

Sigo o destino que me é imposto. Depois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci. Iniciei o trabalho de libertação e instaurei o regime de liberdade social. Tive de renunciar. Voltei ao governo nos braços do povo. A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a justiça da revisão do salário-mínimo se desencadearam os ódios. Quis criar liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobrás e, mal começa esta a funcionar, a onda de agitação se avoluma. A Eletrobrás foi obstaculizada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre.

Não querem que o povo seja independente. Assumi o Governo dentro da espiral inflacionária que destruíra os valores do trabalho. Os lucros das empresas estrangeiras alcançaram até 500% ao ano. Nas declarações de valores do que importávamos existiam fraudes constatadas de mais de 100 milhões de dólares por ano. Veio a crise do café, valorizou-se o nosso principal produto. Tentamos defender seu preço e a resposta foi uma violenta pressão sobre a nossa economia, a ponto de sermos obrigados a ceder.

Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo, para defender o povo, que agora se queda desamparado. Nada mais vos posso dar, a não ser meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida.

Escolho este meio de estar sempre convosco. Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater à vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vós e vossos filhos. Quando vos vilipendiarem, sentireis no pensamento a força para a reação. Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta. Cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. Ao ódio respondo com o perdão.

E aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo de quem fui escravo não mais será escravo de ninguém. Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço do seu resgate. Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a

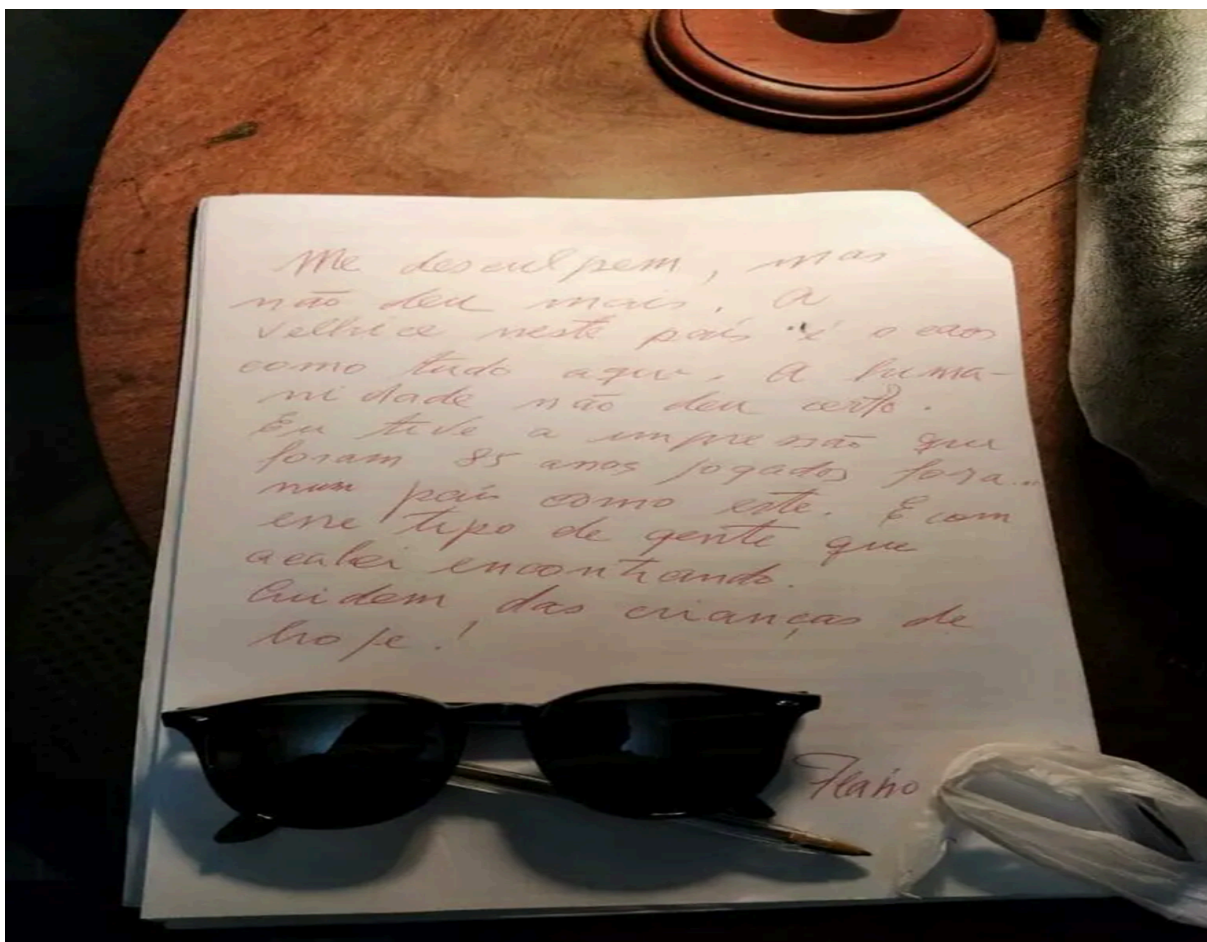
minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.

ANEXO C — CARTA DE SABRINA BITTENCOURT

"Marielle me uno a ti. Somos semente. Que muitas flores nasçam dessa merda toda que o patriarcado criou há 5 mil anos! Eu fiz o que pude, até onde pude. Meu amor será eterno por todos vocês. Perdão por não aguentar, meus filhos. VOCÊS TERÃO MILHARES DE MÃES NO MUNDO INTEIRO. Minhas irmãs e irmãos na dor e no amor, cuidem deles por mim... ?? Eu sempre disse que era só uma pequena fagulha. Nada mais. Só pó de estrelas como todos. USEM A SUA PRÓPRIA VOZ. A SUA PRÓPRIA VONTADE. TOMEM AS RÉDEAS DE SUAS PRÓPRIAS VIDAS E ABRAM A BOCA, NÃO TENHAM VERGONHA! ELES É QUEM PRECISAM TER VERGONHA. Não aguento mais. Todas as provas, evidências, sistemas de apoio, redes organizadas e sobretudo, meu legado e passagem por aqui está entregue ou chegará às mãos corretas. As REDES DE APOIO AOS BRASILEIR@S FORAM CRIAD@S E SE EXPANDIRÃO NA VELOCIDADE DA LUZ! Não se desesperem. Dessa vida só levamos o mais bonito e o aprendido. Paulo Pavesi, eu sinceramente sinto muito pela morte do seu filho. Tenha certeza, que se eu soubesse da sua história na época, implicaria minha vida e segurança como fiz com centenas de pessoas. Damares, eu sei que você não teve tratamento psicológico quando deveria e teve sequelas, servindo de marionete neste sistema de merda que te cooptou, acolheu e com o qual você se sente em dívida o resto da sua vida. Não tenho dúvidas que você amou e cuidou da sua "Lulu" como gostaria de ter sido cuidada e protegida na sua infância, mas ela não é uma bonequinha bonita que você poderia roubar e sair correndo... Giulio Sa Ferrari, eu te considerei um irmão e você sabia de todas as minhas rotas de fuga... eu vi em você a pureza de um menino que nunca foi notado por uma sociedade neurotípica que não entendia os neuroatípicos, mas reputação é algo que se constrói e não é de um dia ao outro. Gabriela Manssur, muito obrigada por me fazer ter esperança de que elas serão ouvidas e atendidas em suas necessidades. João de Deus, Prem Baba, Gê Marques, Ananda Joy, Edir Macedo, Marcos Feliciano, DeRose Pai, DeRose filho, todos os padres, pastores, bispos, budistas, espíritas, hindús, umbandistas, mórmons, batistas, metodistas, judeus, mulçumanos, sufis, taoístas, meus familiares, Marcelo Gayger, Jorge Berenguer, eu desconheço a sua infância e a sua criação pelo mundo, mas sei no meu íntimo que TODO MENINO NASCEU PURO e foi abusado, corrompido, machucado, moldado, castrado, calado, forçado a fazer coisas que não queria, até se converter talvez, cada um à sua maneira, em tiranos manipuladores (em maior ou menor grau) que ao não controlar os próprios impulsos, tentam controlar a quem consideram mais frágil e assim praticam estupros, pedofilia, adições diversas... Eu sei, eu sinto, eu vi. Mas ainda assim, preferi SEMPRE ficar do lado mais frágil nesta breve existência: mulheres, crianças, idosos, jovens, povos originários, afrodescendentes, refugiados, ciganos, imigrantes, migrantes, pessoas com deficiência, gays, pobres, lascados, fudidos, rebeldes e incompreendidos... Essa vida é uma ilusão e um jogo de arquétipos do bem e do mal, de dualidades... desde que o mundo é mundo. Vivo num outro tempo desde que nasci e sempre senti que vivia num mundo praticamente medieval. Volto pro vazio e

deixo minha essência em PAZ. Aos meus amigos, amadas e amantes, nos encontraremos um dia!
Sintam meu amor incondicional através do tempo e do espaço. SIM e FIM."

ANEXO D – CARTA DE FLÁVIO MIGLIACCIO



“Me desculpem, mas não deu mais. A velhice neste país é o caos como tudo aqui. A humanidade não deu certo. Eu tive a impressão que foram 85 anos jogados fora num país como este. E com esse tipo de gente que acabei encontrando. Cuidem das crianças de hoje! Flávio.”